



Universidade Técnica de Lisboa
Faculdade de Motricidade Humana



Relatório Final de Estágio Pedagógico

Relatório Final do Estágio realizado na Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, com vista à obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Presidente:

Doutor António José Mendes Rodrigues, professor auxiliar da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

Vogais:

Doutora Ana Luisa Dias Quitério, professora assistente convidada da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Mestre Maria da Conceição Ribeiro Rexelo Pedro, professora assistente convidada da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Mestre Maria Manuela Moura Pimentel Fonseca Jardim, docente da Escola Básica 2, 3 Eugénio Santos de Lisboa

Sebastião Henriques Tomaz Menezes Sequeira

2012

Presidente:

Doutor António José Mendes Rodrigues, professor auxiliar da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

Vogais:

Doutora Ana Luisa Dias Quitério, professora assistente convidada da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Mestre Maria da Conceição Ribeiro Rexelo Pedro, professora assistente convidada da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Mestre Maria Manuela Moura Pimentel Fonseca Jardim, docente da Escola Básica 2, 3 Eugénio Santos de Lisboa

AGRADECIMENTOS

A realização deste ano de estágio não teria sido possível sem o contributo e apoio de algumas pessoas a quem quero manifestar todo o meu sincero agradecimento.

À minha família, pela educação que me deram e pelo esforço que fizeram, fazem e farão sempre para que eu alcance os meus objetivos. Porque sabem que o sucesso é uma consequência do meu esforço e dedicação.

Aos meus orientadores de estágio, professora Manuela Jardim e professora Conceição Pedro, pela orientação e apoio prestados, procurando que conseguisse percorrer este caminho através da consecução sustentada de todas as etapas de formação.

À minha colega de estágio, Cristina Cruz, por todo o companheirismo e entreaajuda revelados ao longo deste ano letivo. A coesão do nosso núcleo foi o fator chave para que os obstáculos e desafios fossem ultrapassados e para que terminássemos este ano de estágio da melhor maneira.

Aos meus alunos, professores e funcionários da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos. Embora cada um tivesse um papel distinto neste ano de formação, todos foram imprescindíveis e merecem ser recordados.

A todos os que, direta ou indiretamente, tiveram influência no meu ano de estágio.

RESUMO

O presente relatório tem por objetivo analisar o processo de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, situada na freguesia de S. João de Brito, no ano letivo 2011/2012. O estágio integra o 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Motricidade Humana, constituindo-se como a preparação para o exercício da função docente. Este processo teve como referência o Guia de Estágio Pedagógico 2011/2012, no qual estão explícitos os objetivos gerais e específicos, relativos a quatro áreas de intervenção: Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem (Área 1), Inovação e Investigação Pedagógica (Área 2), Participação na Escola (Área 3) e Relação com a Comunidade (Área 4).

Em relação a cada uma destas áreas, é realizada uma reflexão aprofundada sobre as principais dificuldades sentidas, as estratégias utilizadas para a sua superação e todas as contribuições que estas promoveram na melhoria da minha formação individual.

Por último, é realizada uma reflexão crítica sobre todo o processo de formação, com especial incidência no estágio pedagógico do presente ano letivo.

Palavras-Chave: Escola; Professor; Alunos; Ensino Aprendizagem; Competências; Dificuldades; Estratégias; Produtos; Reflexão; Formação.

ABSTRACT

The present report has the objective of analyze the teaching process developed at Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, in S. João de Brito, occured in the school year of 2011/2012. It's integrated in the second year of the Master of Physical Education in teaching, Basic and Secondary school levels of Faculty of Human Kinetics, as a way to prepare the student for a teaching function. This process used as reference the Teacher Training Guide 2011/2012, in where are explicit the general and specific objectives, related to four areas of intervention: Organization and Management of Teaching and Learning (Area 1), Innovation and Educational Research (Area 2), Participation in School (Area 3) and Relationship with the Community (Area 4).

To each one of these areas there will be made a profound reflection about the main difficulties, as well as the strategies used to overcome them and all the contributions that those offered to a better crafting of my personal apprentice and formation.

Finally, is performed a critical reflection of the whole process of training, with special focus on teaching practice lived during the current school year.

Key-words: School; Teacher; Students; Teaching-learning;Skills; Difficulties;Strategies; Products; Reflection; Formation.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	3
Resumo.....	4
Abstract.....	5
Índice	6
Introdução	7
Contextualização	9
Documental e Física	9
Subdepartamento de EF.....	13
Caracterização Pessoal	16
Reflexão Pedagógica	19
Processo ensino/aprendizagem	19
Grupo de EF.....	35
Comunidade Educativa	38
Trabalho Administrativo.....	41
Atividade interna regular.....	44
Projetos de Implementação	48
Reflexão final	59
Conclusão	61
Bibliografia	62

INTRODUÇÃO

A elaboração deste relatório assume-se como uma reflexão do trabalho desenvolvido, durante todo o ano letivo, por referência às competências definidas no Estágio Pedagógico do Mestrado em Ensino da Educação Física (EF) no Ensino Básico e Secundário da Faculdade de Motricidade Humana (FMH).

Este exercício é uma necessidade para aqueles que pretendem evoluir e aperfeiçoar-se no exercício da sua profissão. No universo do ensino é essencial que esta consciência e necessidade de autocrítica e constante aprendizagem estejam bem presentes, ou não fossem estas, algumas das principais e cruciais características de um bom docente (Sarmento, 2004).

É com essa consciência e responsabilidade presente que, desde o início, orientei o meu percurso nesta oportunidade formativa única que o Estágio me proporcionou. A análise crítica e reflexiva do meu desempenho tem estado sempre presente no meu trajeto, mas a elaboração deste documento proporcionou uma análise mais completa e profunda, visto ter exigido que me pronunciasse sobre as minhas dificuldades/problemas e potencialidades individuais em relação a cada uma das competências definidas para cada área de intervenção previstas no Guia de Estágio Pedagógico (2011/2012):

- Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem;
- Área 2 – Inovação e Investigação Pedagógica;
- Área 3 – Participação na Escola;
- Área 4 – Relação com a Comunidade.

Durante a apreciação do projeto de formação irei refletir sobre os efeitos dos processos formativos no meu desenvolvimento pessoal e profissional, considerando sempre as competências já dominadas, o conhecimento teórico e conceptual adquirido na formação inicial e as necessidades emergentes de formação.

Assim sendo, a estrutura do relatório assume uma organização lógica. Existirá uma apresentação e descrição do contexto onde realizei a minha formação onde será analisada a dinâmica organizacional da instituição escolar, com referência, não só, à sua história e caracterização física, mas também, aos documentos de gestão que referem as suas potencialidades, contributos e necessidades. Também será realizada uma

caraterização pessoal para melhor compreender o conjunto de medidas e decisões realizadas no desenvolvimento do estágio pedagógico. Após a contextualização, irá surgir uma análise crítica e reflexiva do meu percurso em cada uma das áreas. Esta reflexão seguirá uma organização metodológica que é caracterizada por: identificar as dificuldades e potencialidades pessoais na abordagem às competências; esclarecer os saberes e estratégias que apresentaram um papel relevante na ultrapassagem das dificuldades sentidas; analisar o contributo das estratégias de formação aplicadas; e projetar linhas orientadoras de desenvolvimento pessoal e profissional.

Em suma, este relatório apresenta-se como a apreciação de todo o trabalho realizado até ao final da 3ª Etapa de Formação, considerando todas as dimensões, tanto do Estágio como do meu desenvolvimento pessoal, com o principal intuito de criar linhas orientadoras de formação para os próximos desafios pedagógicos e para o meu futuro como profissional.

CONTEXTUALIZAÇÃO

DOCUMENTAL E FÍSICA

A Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos (EBES) situa-se no Bairro de Alvalade, na freguesia de S. João de Brito. Foi construída em 1950 e ao longo dos tempos tem assumido diferentes designações em função do tipo de ensino a que se destina.

A escola tem sido influenciada pelas necessidades do meio que a envolve, começou por ser destinada apenas a rapazes e só a partir de 1974 passou a ter frequência mista. Possuiu vários nomes mas, em 1993, com a inclusão do ensino do 3º Ciclo, a instituição ganhou a designação atual. O fato de estar situada no Bairro de Alvalade, beneficia o raio de ação da escola. Olhando para as diversas entidades e instituições locais, da freguesia de S. João de Brito, podemos afirmar que a EBES encontra-se situada num local estratégico para assumir uma intervenção e influência forte na sua comunidade. Os recursos a que esta pode recorrer, são vastos e de diversas áreas, nomeadamente: da saúde (Parque da Saúde de Lisboa, Centro de Saúde de Alvalade, Hospital S Maria...), cultura (Biblioteca Nacional, Torre do Tombo...), desporto (Clube Atlético de Alvalade, INATEL...) e sociais (junta de freguesia, Centro Social e Paroquial de S. João de Brito...). Assim sendo, a EBES apresenta uma localização que poderá beneficiar a implementação e desenvolvimento de projetos que envolvam a escola com a sua comunidade. Este foi um aspeto explorado pelo núcleo de estágio e irá ser analisado mais à frente neste relatório.

A partir do ano letivo de 2004/2005 a Escola passou a fazer parte de um agrupamento vertical (Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos – AEES), assumindo-se como a “escola sede” de um conjunto de seis escolas: EB1 Rainha D. Estefânia, EB1 Santo António, EB1 Bairro de S. Miguel, EB1 Fernando Pessoa e Jardim de Infância nº 2 Campo Grande. A escola de 1º Ciclo, do Agrupamento, de maiores dimensões é a do Bairro de S Miguel e a mais próxima da escola sede é a do Bairro S. António, que também possui um Jardim de Infância. As escolas encontram-se próximas umas das outras, exceptuando a EB1 Rainha D. Estefânia, que se situa no Hospital Rainha Dona Estefânia e tem a particularidade de funcionar apenas no período da tarde e com a frequência das crianças internadas no hospital. A autonomia pedagógica dos estabelecimentos de ensino mantém-se. Apesar de este aspeto poder beneficiar e tornar mais eficazes os processos educativos das instituições (Barroso, 1993), neste agrupamento de escolas existem alguns aspetos que necessitam de revisão e que

podem ser melhorados. No desenvolvimento da atividade de estágio para a comunidade educativa, tive a oportunidade de contactar e interagir de perto com os principais órgãos e agentes de gestão das diversas escolas. O trabalho cooperativo com os coordenadores e direções da escola foi constante e identifiquei alguma lentidão nos processos de troca de documentos e informações entre as diferentes instituições do agrupamento. A articulação entre escolas e o seu correio interno poderá ser mais eficaz. Uma possível solução passaria por responsabilizar um funcionário de cada uma das escolas do Agrupamento, em horário previamente definido, para se deslocar à secretaria da escola sede (Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos) sempre que existissem documentos ou correio a transmitir. Este processo decorreria em todas as escolas todos os dias e apenas quando houvesse necessidade. Deste modo a escola sede estaria sempre atualizada do correio e documentos transmitidos dentro do Agrupamento. Para o sucesso do procedimento mencionado teria de existir uma divulgação deste na comunidade escolar, para que todos os documentos a circular estivessem disponíveis na secretaria num horário também devidamente estipulado.

O grau de influência dos órgãos de gestão abrange todo o AEES e são constituintes o Conselho Geral, com um presidente, representantes do corpo docente, do corpo não docente, dos pais e encarregados de educação, do município e da comunidade local; a Direcção, composta pela Directora, Sub-directora e três Adjuntos; o Conselho Pedagógico, onde participa a Directora, os coordenadores dos Departamentos Curriculares, de fase de 1º Ciclo, dos Directores de Turma, da Educação Especial, das bibliotecas escolares, do Plano Tecnológico da Educação e representantes das Associações de Pais e Encarregados de Educação; e o Conselho Administrativo, composto pela Directora, a Sub-directora, três Adjuntos e pelo Chefe dos Serviços de Administração Escolar.

Existem, no entanto, outros órgãos de gestão importantes com os quais contactei com maior afinidade neste ano de Estágio, nomeadamente: o Conselho de Diretores de Turma e os diversos departamentos curriculares. O primeiro foi-me apresentado através da coadjuvação das tarefas de Direcção de Turma e foi um importante meio de divulgação para a promoção e implementação do Projeto do Núcleo de Estágio da área 2 (Inovação e Investigação Pedagógica). Foi bastante interessante, nas suas reuniões, partilhar as preocupações e assuntos deste Conselho e este revelou sempre uma disponibilidade positiva na participação das ações e iniciativas dos estagiários de EF. Em relação ao segundo órgão, interagimos mais intensamente com o departamento de Expressões que

assumiu, desde o início, uma grande abertura e vontade de trabalhar junto dos professores estagiários. Este departamento apresenta-se bastante dinâmico, ativo e cooperador e o máximo reflexo dessas características revelou-se na organização e desenvolvimento da atividade para a comunidade, no dia de celebração, na escola, do respetivo departamento – “Dos 8 aos 80”. A atividade foi bastante exigente em termos de planeamento e implementação e foram cruciais os papéis desempenhados pelos diversos agentes deste órgão, na angariação de recursos materiais, espaciais e humanos e na divulgação e promoção da atividade.

A EBES é de dimensão considerável, é constituída por um edifício central, três corpos independentes, campos de jogos, pátios e jardim. As salas de aula normais situam-se no bloco central. Neste edifício encontram-se ainda: no R/C os serviços administrativos, o SASE, a direção e uma sala de trabalho para professores; no 1º andar localizam-se o laboratório, uma sala de informática, a sala de atendimento aos encarregados de educação e a sala de professores; no 2º andar situam-se a biblioteca, o auditório, a sala de informática, a sala de educação especial, a sala de acompanhamento aos alunos e a sala de apoio de Matemática. Nos restantes corpos, independentes, existem: o clube de artes e a papelaria; salas de Educação Musical, salas de EV/EVT/ET, um pequeno ginásio e uma sala multiusos (sala de estudo, ludoteca e Gabinete de Informação e Apoio ao aluno, no âmbito do Projeto para a Educação para a Saúde e Educação Sexual); refeitório, bufete, balneários, ginásios, um com palco, sala de ténis de mesa e gabinete de EF.

A escola apresenta boas condições e estruturas físicas o que contribui para uma boa prática letiva. No entanto, a quantidade de alunos que frequenta a instituição, é bastante densa para as características desta. Este fato resulta na formação de turmas com bastantes elementos, o que prejudica e dificulta o processo ensino/aprendizagem. O refeitório, apesar de apresentar boas condições, revela-se pequeno para as necessidades da escola. O processo logístico de entrada e saída de alunos neste estabelecimento é bastante confuso e pouco prático. Considero que deverão estar presentes mais auxiliares de educação, de modo a controlar os alunos, e deverão ser estudadas alternativas de organização do funcionamento deste espaço.

A Instituição escolar é frequentada por um universo de cerca de 980 alunos distribuídos por 21 turmas do 2º Ciclo e 18 do 3º Ciclo. Apresenta 21 Assistentes Educativos Operacionais, 8 Assistentes Técnicos e 1 Psicóloga. O Corpo Docente é

constituído por 109 elementos, de onde 96 fazem parte do Quadro da Escola e 13 são contratados.

O Projeto Educativo (PE) do AEES, começa por destacar os princípios pelos quais o conjunto de escolas se reje, que são os “Quatro Pilares da Educação” que ditam que os alunos deverão *aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a ser e aprender a viver juntos*. Outro foco realizado na introdução do PE é de que as Crianças deverão ser alvo do melhor investimento possível, pois elas serão os nossos futuros cidadãos e líderes. O Agrupamento luta para o “sucesso educativo dos seus alunos” e para “a melhoria da qualidade do serviço público de educação” (Projeto Educativo, 2010, p.3). A filosofia adotada é positiva e está presente na organização e interação da comunidade educativa.

O documento projeta linhas orientadoras de trabalho, metas e objetivos a cumprir de modo a a aperfeiçoar o seu papel na comunidade. A maior parte destas metas são bastante específicas, e dizem respeito à melhoria do sucesso escolar nas diversas disciplinas, promoção da qualidade de ensino, melhorar a articulação vertical e horizontal dos órgãos de gestão, consolidar hábitos de cooperação e intensificar a participação dos Encarregados de Educação na educação dos seus educandos.

Estas metas representam dois fatos: o primeiro é que a instituição se preocupa com a sua prestação, o segundo é que a determinação destas estratégias e objetivos revela autonomia de gestão no Agrupamento.

A autonomia das Escolas é, sem dúvida, um dos mais importantes aspetos no desenvolvimento da qualidade de processos de administração, gestão e eficácia das instituições escolares. A autonomia apresenta um papel fulcral no processo anteriormente referido ou não fosse esta mencionada na Lei de Bases do Sistema Educativo (Decreto-lei 43/89): *A autonomia da escola concretiza-se na elaboração de um projeto educativo próprio, constituído e executado de forma participada, dentro de princípios de responsabilização dos vários intervenientes na vida escolar e de adequação a características e recursos da escola e às solicitações e apoios da comunidade em que se insere*. Não se pode analisar a dinâmica dos acontecimentos escolares e ignorar a sua dimensão cultural, quer numa perspetiva global, no quadro da relação que ela estabelece com a sociedade em geral quer numa dimensão mais específica, em função das próprias formas culturais que ela produz e transmite (Barroso, 1997).

Outro aspeto bastante positivo da instituição é o fato de se preocupar com as necessidades educativas específicas da comunidade onde se insere: *“A escola precisa... conduzir as suas atuações no sentido deste desenvolvimento pleno do aluno, no que irá também ao encontro dos documentos legais que norteiam o Sistema Educativo Português. Procura-se, assim, por diversos meios, e em diversos graus, decorrentes das possibilidades e atribuições do AEES, colmatar dificuldades sentidas e diagnosticadas, aumentando o sucesso dos alunos, numa fase de construção básica e acelerada dos futuros cidadãos... escola deverá organizar-se a partir das diferenças existentes na comunidade escolar e adaptar-se às mudanças da sociedade”* (Projeto Educativo, 2010, p.3, 21). Como é possível observar o AEES procura ir ao encontro das necessidades diagnosticadas na sua comunidade educativa, sem nunca perder a orientação e o caminho traçado pelo Estado. Desta forma o ensino será organizado e estará orientado para o sucesso, com a vantagem de estar diferenciado para os alunos que frequentam este Agrupamento o que facilitará o caminho para uma aprendizagem enriquecedora e significativa (Lima, 2008).

SUBDEPARTAMENTO DE EF

O subdepartamento de EF, inserido no departamento de Expressões, revela-se bastante influente e dinâmico dentro da comunidade educativa e os docentes são bastante experientes e responsáveis. Em todos os períodos letivos existem tarefas e atividades para os alunos relacionados com a disciplina de EF - Eugénidas de Voleibol, Futebol e Ginástica, Mega Salto e Mega Sprint, Corta-Mato. As atividades apresentadas são destinadas a todos os alunos e promovem a interação e participação dos alunos das diferentes turmas. A prática de AF, a cooperação, respeito, responsabilidade e interação entre alunos de diferentes géneros são incentivados nestas iniciativas. Sempre que é identificado um problema dentro do subdepartamento é marcada uma reunião com todos os professores de modo a solucioná-lo o mais eficazmente possível. Os problemas podem ser de natureza logística, ou até mesmo relacionadas com os processos de avaliação e planeamento das aulas de EF.

O grupo desenvolve vários núcleos de Desporto Escolar (DE). As prioridades prendem-se com o recrutamento do maior número de alunos possível e com a qualidade de transmissão de conhecimentos e aprendizagens. Os horários criados, dos diversos treinos, vão ao encontro das necessidades dos alunos e o espírito colaborativo está sempre presente, pois sempre que há necessidade, os professores auxiliam-se e cooperam de forma a qualificar os serviços dos diversos núcleos. Existe também a

importante preocupação de aplicar e conservar algumas regras de funcionamento da disciplina. O subdepartamento apresenta algumas tradições e princípios de bom funcionamento que não descarta: arrumação do balneário, responsabilização dos alunos pela recolha e arrumação do material pedagógico e utilização do equipamento formal da escola para EF. Todas estas regras e princípios facilitam a organização e funcionamento da disciplina. Os alunos já se encontram familiarizados com a dinâmica de trabalho do subdepartamento, que auxilia a aproximação destes com os docentes e transmitem as qualidades de responsabilidade e cooperação.

A organização do subdepartamento garante a rotação de espaços para que todas as turmas utilizem os três espaços de aula disponíveis semanalmente. Os três espaços disponíveis são o Ginásio A, com piso antiderrapante, o Pátio Principal (PP), um espaço exterior com dois campos de Futsal, quatro de Basquetebol, uma pista de circundante e uma caixa de areia e o Pátio Superior (PS), um espaço exterior com um campo de Futsal e dois de Basquetebol. Quando existem más condições climáticas, os dois espaços exteriores têm alternativas interiores de dimensões mais reduzidas que o Ginásio A. Para o PP encontra-se o Ginásio B, de pequenas dimensões, e para o PS encontra-se o Ginásio C, um pouco maior que o ginásio B, com dimensões de um campo de Voleibol “reduzido”.

Os espaços apresentam bom estado de conservação e a escola apresenta uma extensa lista de materiais didáticos e desportivos, que garantem a prática do ensino de todas as matérias da disciplina. O único senão prende-se com as dimensões e a acústica do Ginásio B, que apesar de ser apenas um espaço alternativo, não apresenta as condições ideais da condução de uma aula. Outras estruturas de apoio à disciplina de EF são os balneários, masculino e feminino, a arrecadação de material e o gabinete dos professores de EF.

O sub-departamento é constituído por 8 professores mais 2 estagiários, sendo que 4 leccionam o 2º Ciclo, 3 mais os 2 estagiários leccionam o 3º Ciclo e 1 lecciona ambos os Ciclos.

Após a socialização e cooperação com os diversos agentes e participação numa panóplia vasta de iniciativas e atividades formativas, posso afirmar que este agrupamento caracteriza-se pela sua exigência e rigor pedagógico. A oferta educativa é bastante vasta e variada, dentro dos vários departamentos, e apesar de ser bastante eclética, não deixa de ser especializada e qualificada.

Foi bastante enriquecedor interagir e trabalhar junto de professores mais experientes e com diferentes especialidades e características (Departamento de Expressões e Subdepartamento). O fato de ser um grupo de professores bastante exigente e responsável beneficiou bastante a minha formação como futuro profissional do ensino. No entanto, considero pertinente incluir no Plano Anual de Atividades (PAA) uma maior margem de manobra para os projetos que os professores estagiários de EF têm de implementar. Estranho, sendo a EBES uma instituição habituada a receber professores estagiários há muitos anos, a falta de “espaço” e recursos temporais que esta por vezes revelou. O repertório de atividades e iniciativas que têm de ser implementadas, no âmbito do estágio, são bastante vastas e exigentes e a instituição, nem sempre, apresentou a flexibilidade necessária para a execução dos nossos objetivos. No desenvolvimento das tarefas referentes à inovação e investigação pedagógica (Área 2) não foi possível implementar determinada atividade formativa no calendário escolar, apesar de o núcleo de estágio ter conseguido, com sucesso, formular uma alternativa. Também houve dificuldade em encontrar disponibilidade no corpo docente para o acompanhamento às turmas em atividades que exigiam visitas de estudo ou saídas dos alunos do estabelecimento escolar.

Torna-se, neste momento, fundamental caracterizar a população que serviu como base da maior parte do meu trabalho, no estágio pedagógico – os alunos da turma que acompanhei. O 7º D, que foi a turma onde intervi maioritariamente, apresentava 27 alunos onde 10 eram rapazes. Apresentava alunos que provinham de 10 turmas diferentes e que possuíam características pessoais e desempenhos escolares bastante distintos. Alguns alunos revelavam historial de retenção na sua escolaridade e exibiram uma grande heterogeneidade nos seus comportamentos e capacidades físicas. Foi bastante exigente trabalhar com esta turma devido, não só à sua dimensão, mas também porque os alunos não demonstravam hábitos de trabalho e organização o que resultou, no início do ano, numa turma bastante agitada, conversadora e indisciplinada. Os alunos não revelaram interesse na disciplina, eram muito pouco pontuais e empenhados. Tive de investir bastante na implementação da disciplina, rotinas e regras de funcionamento das aulas e na participação positiva dos alunos para, mais tarde, me poder focar principalmente nas aprendizagens destes.

CARACTERIZAÇÃO PESSOAL

Após ter caracterizado o contexto onde intervi, irei realizar uma breve descrição do meu trajeto pessoal e formativo até ao momento do Estágio Pedagógico. Parece-me coerente realizar esta caracterização pessoal de modo a permitir uma melhor compreensão das linhas orientadoras da minha intervenção na Escola e das decisões realizadas perante os desafios propostos. Irei destacar, não só experiências pessoais e a formação inicial realizada, mas também as minhas ideias e os meus princípios e valores individuais.

Desde muito cedo que percebi que a minha orientação profissional estaria intimamente ligada ao Desporto. Este aspeto está diretamente associado ao ambiente familiar que experienciei ao longo da minha vida. O ensino da EF já perdura há duas gerações no meu seio familiar, bem como a prática desportiva a nível profissional. Assim sendo, toda a convivência e partilha de experiências influenciou os meus gostos e comportamentos, e deste modo, o meu núcleo familiar começou a “desenhar” o meu trajeto e as minhas escolhas académicas.

Apresentando sempre uma apetência e vontade natural para praticar AF, fosse ela de natureza informal ou mais formal, pratiquei durante 4 anos natação federada onde, no último ano, desempenhei uma participação mais competitiva e exigente. A vontade de experimentar uma modalidade coletiva foi muito forte e foi nesse momento que começou o meu trajeto no Rugby, onde o histórico familiar apresenta algum peso. Mais recentemente tornei-me um aficcionado da modalidade de Surf, onde tive a oportunidade de experimentar pela primeira vez na minha formação inicial.

Apesar de possuir a certeza de querer seguir uma profissão do Desporto ou da AF, não me sentia muito inclinado em seguir a via do ensino, muito devido a conselhos familiares relacionados com a escassa oportunidade e oferta de trabalho nas escolas. Ao longo do tempo fui tendo a oportunidade de assumir algumas responsabilidades na área da EF, nomeadamente, a lecionação de EF nas Atividades de Enriquecimento Curriculares (AEC's) das escolas, o treino desportivo de formação no Rugby e no Surf.

De todas as experiências descritas, a que se revelou como a mais significativa foi a realizada nas AEC's. Apercebi-me da importância que o Professor pode assumir na vida dos seus alunos e o fato de participar ativamente na aprendizagem e desenvolvimento das crianças como alunos e indivíduos foi bastante enriquecedor. A

dinâmica da relação com os alunos e a oportunidade de poder alterar e melhorar os comportamentos e desempenhos destes foi bastante recompensador e gratificante. Posso afirmar que foi na condução destas aulas que tomei o gosto pelo ensino. Deste modo o meu trajeto tornava-se cada vez mais claro para mim e foi assim que decidi seguir a tradição familiar: tornar-me Professor de EF.

Realizei a minha Licenciatura na Universidade Lusófona de Tecnologias e Humanidades e posteriormente o Mestrado na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa. Ao interagir e trabalhar junto de colegas da mesma área, apercebo-me de que fui beneficiado de uma formação bastante completa e especializada. O meu percurso, nas duas faculdades, permitiu-me, na Licenciatura contactar com uma formação prática intensa e bastante rica nas competências de campo, e no Mestrado enriquecer esse conhecimento com o estudo das principais fontes literárias da EF. Resumindo, sinto-me privilegiado por ter tido a oportunidade de ter estudado numa instituição que valoriza mais as competências práticas do ensino e de poder aprofundar essa formação com uma abordagem mais académica e investigacional no Mestrado.

A minha formação forneceu-me bases bastante consistentes, no que diz respeito ao ensino das diversas matérias, das progressões de ensino e das estratégias pedagógicas. Mas um dos principais contributos desta, foram os princípios educativos que me foram transmitidos e que iram influenciar sempre a minha intervenção pedagógica. Acredito que a diferenciação do ensino deverá ser sempre uma preocupação do Docente, tal como a capacidade autoreflexiva do seu desempenho. O investimento na sua formação contínua também é fundamental, pois garante uma atualização dos seus conhecimentos e um constante aperfeiçoamento das suas capacidades e ferramentas pedagógicas. O Professor competente e qualificado deve apresentar gosto no ensino, bom senso, conhecimento teórico e prático aprofundado e uma capacidade de autocritica bastante apurada (Casassus, 2009).

Estes são alguns dos principais valores e princípios que orientam e influenciam todo o meu trabalho e postura na EF, nomeadamente, no Estágio Pedagógico. Os meus pontos fortes prendem-se com a vontade e a disponibilidade de trabalhar e aprender, e com a minha formação especializada, que me forneceu um vasto conjunto de ferramentas pedagógicas válidas, que foram úteis na resolução de desafios e dificuldades que foram surgindo ao longo do meu percurso na EBES. Os meus pontos fracos estão

relacionados com a minha falta de experiência prática na realização de todas as tarefas inerentes ao profissional de EF. Posso desde já antecipar um dos principais contributos deste ano de formação, que foi a consciencialização de que o papel do Professor pode (e deve) transcender as funções de planejar, conduzir e avaliar o ensino dos alunos. Este deverá apresentar uma atitude ativa na melhoria da comunidade educativa da instituição onde se insere.

Ao chegar à EBES sabia que iria intervir em diversas áreas da comunidade escolar, mas encontrava-me principalmente preocupado com as questões práticas da condução do ensino. O nervosismo de ter de enfrentar e orientar uma turma, grande e que desconhecia, estava bastante presente e as competências relacionadas com o planeamento e a avaliação, apesar de estarem sempre presentes, estavam claramente em segundo plano nas minhas prioridades de investimento. Com o passar do tempo fui-me apercebendo da importância e da relação que estes apresentavam no sucesso do meu papel como agente do ensino. As outras áreas de intervenção também foram ganhando importância e relevância com o desenrolar do estágio. Anteriormente, o que via como competências individuais do professor, vejo agora como uma unidade ou teia global de qualidades que o professor deve apresentar. Sinto alguma dificuldade em separar essas qualidades visto que todas estão interligadas e associadas, resultando no contributo máximo que um docente poderá fornecer à sua escola.

As minhas expectativas, para o ano de Estágio Pedagógico, eram bastante elevadas. Esperava colmatar algumas lacunas, aumentar e aperfeiçoar as minhas capacidades pedagógicas e conhecer a dinâmica de funcionamento e organização de uma escola. Todas as expectativas foram superadas e toda a contextualização realizada serve para facilitar a compreensão das decisões tomadas, das dificuldades sentidas e dos objetivos traçados.

REFLEXÃO PEDAGÓGICA

PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM

Uma das primeiras e mais importantes tarefas que surgiram no início deste Estágio Pedagógico foi a organização, calendarização e estruturação da Avaliação Inicial (AI).

É através desta que iremos sustentar e apoiar o Planeamento Anual da turma, onde são definidos os objectivos dos alunos e as suas metas. Para que estes se sintam envolvidos, empenhados e motivados na sua aprendizagem é essencial que essas metas estejam adequadas às suas características e necessidades, mas que também não deixem de ser desafiantes e exigentes (Carreiro da Costa, 1995).

Só através de uma boa organização das aulas da AI é que será possível definir que matérias observar, que competências prognosticar e que situações ou tarefas utilizar e aplicar para melhor identificar os níveis dos alunos nas diferentes matérias. Uma boa organização da AI pressupõe uma listagem das matérias a leccionar na disciplina de EF, um conhecimento prático do Protocolo de Avaliação Inicial (PAI) a ser aplicado, dos espaços de aula (que deverá permitir escolher que matérias desenvolver em cada um deles), bem como a sua distribuição no horário lectivo, dos materiais didáticos (de modo a estruturar devidamente as situações de aprendizagem), da turma a ser observada (nº de alunos, características gerais de comportamento) e do período que é destinado a todo este processo. Na ausência destes processos não será possível realizar uma observação diagnóstica e prognóstica eficaz e qualificada e, conseqüentemente, garantir uma definição de objectivos coerentes com as capacidades reais dos alunos. Considerando que este período vai servir de base de sustentação para todo o trabalho a ser desenvolvido durante o ano, é indispensável, para o sucesso do processo ensino/aprendizagem, que o professor de EF garanta um bom planeamento do período de AI ajustando o respectivo PAI e a sua aplicação ao contexto da turma e aos recursos espaciais e temporais disponíveis na escola (Onofre, 2010).

Perante a complexidade deste processo era normal que surgissem algumas dificuldades pessoais nesta fase inicial. A minha falta de experiência, na área da educação, nunca me permitiu contactar com um planeamento desta natureza e importância. O PAI é um instrumento pedagógico que já conhecia da minha formação

inicial, mas nunca tinha tido oportunidade de realmente aplicá-lo numa turma com a responsabilidade de estabelecer metas e objectivos para um trabalho a ser desenvolvido durante um ano lectivo. As maiores dificuldades sentidas foram, sem dúvida, determinar que matérias juntar na mesma aula e definir quantas aulas seriam necessárias por matéria, para realizar uma observação diagnóstica eficaz. Apesar de já conhecer os espaços (através das aulas de adaptação realizadas no início do ano) e os materiais da escola, ainda não dominava a logística e a eficácia da aplicação dos recursos e ainda me encontrava dentro de um processo de conhecimento dos meus alunos o que provocou a minha primeira dificuldade. A segunda está associada ao facto de eu possuir a consciência de que a minha observação prognóstica não apresentava um desempenho ideal.

Para a superar a primeira dificuldade ocorreu um estudo e análise do PAI e do Projeto Curricular da disciplina de EF, sendo também crucial o contributo das orientações e conselhos da Professora Orientadora.

A segunda foi, claramente, a mais presente e a que mais dificultou o planeamento da AI. A minha falta de experiência não me permitiu antecipar quantas aulas necessitaria para avaliar todos os meus alunos nas diferentes matérias. Este facto fez com que o planeamento/calendarização realizado para o período da AI sofresse alguns reajustes e mudanças de modo a garantir uma observação completa dos alunos em todas as matérias.

Os juízos prognósticos realizados definiram as prioridades de aprendizagem da turma que foram sendo cumpridos ao longo das etapas. Os objectivos para quais a turma trabalhou estiveram dentro dos planeados no Período de AI e foi realizado um balanço deste período de modo a reflectir acerca dos grupos de trabalho formados, das situações de aprendizagem a aplicar e as estratégias de ensino a adoptar na turma.

Numa próxima oportunidade irei dar prioridade à observação das matérias dos Jogos Desportivos Colectivos (JDC). Este aspecto deve-se ao facto da sua observação e análise ser bastante mais complexa e difícil que nas matérias cíclicas (ex: Ginásticas, Atletismo...). Isto porque a quantidade de competências que estão a ser desenvolvidas na dinâmica do jogo são elevadas e porque estão a ser observados, não apenas, mais do que um desempenho, mas vários de diferentes indivíduos simultaneamente. Toda esta dinâmica exige que seja reservado mais tempo à observação destas matérias de modo a garantir uma recolha de dados o mais precisa possível.

As tarefas propostas foram adequadas aos objectivos estipulados, o meu conhecimento dos espaços, materiais e alunos é maior, neste momento, o que facilitaria a organização e distribuição das matérias pelo mapa de aulas semanal e a formação dos grupos de trabalho.

Outra capacidade inerente à AI, que também acredito estar mais aperfeiçoada, é a observação pedagógica, visto esta competência ter sido trabalhada e aplicada ao longo das aulas de forma a criar coerência entre as Unidades de Ensino (UE) e os Planos de Etapa (PE) através da capacidade avaliativa da evolução das aprendizagens dos alunos.

A construção e manutenção da coerência entre os planos de etapa pressupõem a utilização de uma observação prognóstica eficaz e a realização dos balanços, não só das aprendizagens dos alunos, mas também dos meus desempenhos como agente ativo do ensino. Neste ponto senti uma evolução positiva visto este ter sido bastante trabalhado ao longo do Estágio. Realizei, semanalmente, autoscopias das aulas conduzidas e foquei-me também nas aprendizagens dos alunos durante a reflexão. Este exercício permitiu-me sustentar e enriquecer os balanços das UE e dos PE que serviram como mediadores do processo ensino/aprendizagem. Com o desenrolar das aulas e das aprendizagens dos alunos, existiu a necessidade de reajustar algumas matérias e algumas metas estipuladas no Plano Anual de Turma (PAT).

A construção do PAT revelou-se uma tarefa bastante exigente e trabalhosa. Compreendo a necessidade de planear, antever e projetar o que ensinar, quando e como aos alunos, só assim se poderá realizar um trabalho organizado e competente (Carreiro da Costa, 1996). Na sua elaboração senti dificuldade em projetar que objectivos e metas estipular para as diferentes etapas de ensino. Parece-me um pouco precoce realizar uma reflexão desse género numa fase tão inicial do ano, visto que, ainda desconhecia a velocidade de aprendizagem dos meus alunos e o seu ritmo de assimilação das competências em cada matéria. Por outro lado, este documento assumiu um importante papel de apoio e orientação ao meu trabalho. A sua elaboração incluiu a definição das matérias prioritárias, das estratégias de ensino a adoptar e mais adequadas a atingir o sucesso de acordo com as características da turma, a distribuição das UE ao longo do ano e dos objectivos a atingir ao longo das etapas de ensino. Este plano também contemplou os resultados da AI em todas as matérias, bem como dos testes de aptidão física (AP).

A turma apresentou dificuldades nos JDC e nas Ginásticas (matérias prioritárias) e os resultados da AP foram, na generalidade, abaixo da zona saudável do FitnessGram o que faz com que estas tenham sido as competências que mais foco sofreram no meu acompanhamento. Os aspectos sociais e particulares da turma também estão presentes no PAT, onde existe uma caracterização da turma. Essa caracterização aborda temas como o estatuto socioeconómico, os gostos e interesses pessoais, a relação dos alunos com a escola e com os colegas. Todos estes dados são fundamentais para conhecer melhor os alunos, perceber melhor as suas necessidades, origens e relações com os colegas. Estas informações foram importantes na adopção das estratégias de ensino e na formação dos grupos de trabalho. A prevenção de comportamentos desviantes e interações indesejadas foram facilitadas através do estudo realizado.

Os reajustes mencionados anteriormente nas metas estipuladas no PAT, foram essenciais para garantir uma aprendizagem progressiva e qualificada dos alunos e vieram conferir coerência entre as UE e entre os PE. É importante reforçar que as alterações realizadas tiveram sempre como base os balanços das UE e dos PE. Para realizar estes balanços com coerência e qualidade foram essenciais as constantes autoscopias e reuniões formativas que foram sendo realizadas semanalmente. Estes momentos de introspecção e análise das aprendizagens dos alunos e dos meus desempenhos contribuíram, de forma decisiva, para que os reajustes no planeamento fossem ao encontro das necessidades educativas dos meus alunos.

Essas necessidades devem estar reflectidas na diferenciação do ensino, que se apresenta como um processo complexo pois, considerando que a turma é grande, torna-se difícil responder às necessidades específicas de cada aluno e gerir, simultaneamente, o ambiente extremamente dinâmico que é proporcionado por uma aula de EF. Este fato revela que esta estratégia de ensino necessita de planeamento e preparação. Ao longo das aulas foi ocorrendo uma melhoria na aplicação deste processo foram utilizadas diferentes estratégias de modo a promover a diferenciação do ensino.

Através da aplicação de fichas formativas individuais ou de grupo foi possível definir metas e objectivos adequados às características dos alunos, sem nunca deixarem de ser desafiantes. Apesar deste processo se ter revelado bastante benéfico para a aprendizagem dos alunos, precisa de ser aperfeiçoado pois ainda não domino totalmente a aplicação das fichas e é necessário rentabilizar o mais possível esta estratégia junto de futuras turmas.

Esta é uma das competências que mais desejo dominar e é, sem dúvida, uma das mais exigentes. Sinto que fui conseguindo adequar melhor as tarefas às necessidades dos alunos, a diferenciação do ensino esteve presente na formação de grupos de nível e de objetivos diferentes para os diferentes grupos de trabalho. As aulas observadas do Núcleo de Estágio e as reuniões formativas realizadas foram processos utilizados para refletir acerca das melhores estratégias e progressões pedagógicas a aplicar para atingir determinados objetivos nas diferentes matérias.

A turma apresentava uma heterogeneidade grande o que tornou esta competência ainda mais exigente. Refleti e analisei os desempenhos dos alunos nas autoscopias que realizava após as aulas para que me fosse mais fácil adaptar e reajustar os grupos ou as tarefas propostas. Os alunos tornaram-se mais empenhados e concentrados nas tarefas uma vez que consegui individualizar um pouco mais as tarefas e os objetivos propostos.

A avaliação formativa também foi evoluindo, o que permitiu uma recolha mais eficaz de dados e informações pertinentes acerca dos desempenhos dos alunos nas diferentes matérias. A sua aplicação foi de acordo com o planeamento realizado nas UE e os dados recolhidos abrangeram quase a totalidade dos alunos. Esta foi uma das competências que mais trabalhei e uma das quais em que senti maior evolução. Os procedimentos de avaliação formativa são aplicados, atualmente, com maior organização, planeamento e eficácia. Tal como defende Carvalho (1994), esta também serviu para informar e incluir os alunos nas suas aprendizagens e evoluções, criando uma interação pedagógica positiva nas aulas. Foram utilizadas fichas formativas e informativas, e até trabalho a pares e a trios, de modo a promover estes procedimentos. Estratégias de auto e heteroavaliação foram aplicadas de modo a promover o sentido de responsabilidade, cooperação e de autosuperação. Os dados recolhidos assumiram um papel importante na adequação das metas e das situações de aprendizagem nas aulas, bem como no momento da avaliação sumativa.

A atualização das evoluções nos desempenhos dos alunos permitiu chegar ao final das etapas e possuir uma percepção mais real das capacidades dos alunos o que facilitou bastante a classificação dos seus níveis. Outro aspecto positivo verificado na aplicação da avaliação formativa, foi o facto da motivação e empenho dos alunos para a prática ter aumentado, pois a sua integração nas suas aprendizagens resultou numa maior responsabilização e vontade de melhorar.

Apesar de ter adquirido uma boa base de conhecimentos na minha formação inicial, e de sentir-me competente na aplicação das didáticas de ensino das diferentes matérias da disciplina de EF, não posso deixar de constatar que a grande diversidade de características e velocidade de aprendizagem dos alunos irá exigir sempre um reajuste no planeamento realizado. Os conteúdos e os objectivos traçados nas UE revelaram-se adequados às necessidades dos alunos devido a esta preocupação e constante reequilíbrio. As constantes autoscopias (realizadas após cada aula leccionada), reuniões formativas diárias do núcleo de estágio e os balanços das UE permitiram-me alterar e ajustar, sempre que necessário, os conteúdos, tarefas e estratégias de ensino das aulas. Este processo foi essencial para enriquecer o planeamento e, aos poucos, aperfeiçoar as UE.

Como tem sido possível constatar, os processos de planeamento revelaram-se fundamentais para o sucesso da avaliação e vice-versa. A qualidade da AI terá de estar garantida para que o PAT seja adequado às necessidades educativas dos alunos. Por outro lado, o planeamento das metas e estratégias de ensino presentes no PAT e a sua aplicação determinaram o sucesso, a coerência e a qualidade da avaliação sumativa (AS).

Não há dúvida de que a avaliação é um dos aspectos mais importantes do ensino, seja de que disciplina for. Onofre (1996) afirma que a Avaliação Pedagógica deve ser entendida como um processo geral de recolha de informação e desenvolvimento de juízos de valor sobre a diversidade dos factores que condicionam a educação das crianças e jovens. Quando avaliamos devemos-nos preocupar mais do que apenas classificar os alunos. A avaliação deve ser um importante instrumento para prognosticar as possibilidades de aprendizagem dos alunos ou decidir sobre as condições que os ajudem a superar as dificuldades (Araújo, 2007).

Considerando os aspectos mencionados anteriormente, posso afirmar que já me encontro mais competente na realização de um planeamento e avaliação mais coerentes e adequadas às características dos alunos, ou seja, com maior qualidade. Ao longo do ano, fui definindo critérios de observação, deslocamento e posicionamento que possibilitavam uma melhor recolha de informação nas aulas. Considero fundamental que estas estratégias sejam alvo de planeamento e previsão, pois assim, será possível, de forma mais eficaz, assimilar o nível de prática dos alunos. Com a importante informação

recolhida, foi possível adequar, mais facilmente, as atividades de aprendizagem, bem como a criação dos grupos de nível.

Em suma, a AI foi a modalidade de avaliação mais difícil de concretizar. A minha falta de experiência e de olho clínico dificultou, por vezes, a observação prognóstica dos meus alunos. Nessa fase contei com o apoio e ajuda dos meus pares para ultrapassar as minhas dificuldades. O PAT foi realizado com base nessa avaliação e, apesar de este ter sofrido algumas adequações ao longo das etapas (o que é natural), penso que foi, na generalidade, bem conseguida. Esta observação deve-se ao facto de que as grandes decisões de planeamento não sofreram grandes alterações (matérias prioritárias, estratégias de ensino, progressões pedagógicas...) o que revela que o que foi prognosticado estava adequado às necessidades da turma. Com o decorrer do ano e com o desenvolvimento das aprendizagens surgiram algumas adaptações ao planeamento para que a evolução dos alunos continuasse coerente e não ficasse prejudicada. A aplicação da avaliação formativa sofreu uma evolução positiva: já consigo realizá-la de acordo com o planeamento das UE e dos PE, está mais abrangente (já a aplicava a quase toda a turma) e serviu como instrumento pedagógico de regulação das metas e estratégias de ensino adoptadas nas aulas. No entanto, ainda não consigo abranger todos os alunos em todas as matérias e a actualização dos dados nem sempre foi realizada a tempo do fecho das UE. A sua melhor aplicação reflectiu-se no empenho e interesse dos alunos na disciplina, mas é necessário continuar a investir no seu rendimento de modo a que seja mais eficaz futuramente. Não sinto grandes dificuldades na concretização da avaliação sumativa. O sistema adoptado pelo Grupo de EF era simples, claro e eficaz. A avaliação formativa foi assumindo um papel cada vez mais importante neste processo, que só se tornou difícil de aplicar quando esta falhava.

Todo o trabalho descrito anteriormente, nomeadamente o processo de planeamento, a realização dos balanços das UE, a aplicação da avaliação formativa, etc. foi fundamental e essencial para, no fim das etapas, realizar uma avaliação sumativa coerente e fiável. O Protocolo de Avaliação Sumativa (PAS) revelou-se um instrumento muito útil, pois garantiu uma norma de referência de sucesso adequada ao contexto escolar, bem como a definição dos objectivos para níveis de sucesso. A sua aplicação foi realizada sem grandes dificuldades, se bem que com o aperfeiçoamento da avaliação formativa esta competência ainda será concretizada com maior êxito. Isto porque uma maior eficácia na avaliação formativa irá contribuir para uma maior actualização das competências dos alunos e assim será mais fácil distribuí-los pelos diferentes níveis. Este

processo realizou-se com naturalidade mas surgiram alguns casos particulares que suscitaram algumas dúvidas em determinadas matérias, o que revela que esta competência ainda não está totalmente adquirida.

Um dos momentos mais interessantes que vivi neste ano de formação intensa foi a semana de Provas Globais na disciplina de EF. Estas provas realizaram-se nas últimas semanas de aulas e apresentaram-se com a metodologia e dinâmica de trabalho semelhantes ao período de AI, mas com uma finalidade diferente: as turmas foram sujeitas à revisão de todas as matérias abordadas na disciplina, com o intuito de confirmar os níveis atribuídos aos alunos ao longo do ano.

Neste processo foram preparadas fichas, para os professores do núcleo de estágio, com a listagem dos alunos e com os níveis atribuídos pelo professor em cada matéria. Ao longo da aula, através da observação dos desempenhos dos alunos, os professores confirmavam esses níveis e alteravam aqueles que consideravam incorretos. Após conferenciar e discutir a avaliação realizada, os níveis finais de cada matéria foram revelados aos alunos.

Esta dinâmica de trabalho foi bastante pedagógica e formativa, tanto para os alunos como para os professores estagiários. Permitiu averiguar a qualidade da avaliação realizada nos períodos letivos anteriores, conduziu à discussão de critérios de êxito para cada competência, garantiu a atribuição de níveis coerentes com os desempenhos dos alunos e resultou em aulas bastante intensas e ricas em trabalho colaborativo dos professores. Do ponto de vista dos alunos foi um momento de expressão da avaliação formativa: muitos dos alunos já conheciam o que realizar para atingir o sucesso nas diversas matérias. Estes participaram responsavelmente e por vezes já sabiam que níveis tinham atingido antes dos resultados finais serem revelados. Este fato revela que o trabalho realizado junto das turmas surtiu efeito na integração e envolvimento dos alunos em relação às suas aprendizagens das aulas de EF.

O conhecimento revelado pelos alunos dos níveis das diferentes matérias e a confirmação dos níveis atribuídos revelaram que o trabalho desenvolvido ao longo do ano foi positivo. Não existiram diferenças significativas entre os níveis dos professores e os registados nas provas globais. Outro contributo deste momento formativo foi o de perceber quais as matérias onde a avaliação realizada não foi a mais correta, para identificar quais aquelas que devem ser melhor estudadas ou onde devemos treinar mais afincadamente a nossa observação pedagógica. No meu caso irei necessitar de praticar

a observação diagnóstica nas matérias de Atletismo e Dança. As Ginásticas e os Jogos Desportivos Coletivos foram as matérias onde revelei uma coerência positiva entre os desempenhos dos alunos e os níveis atribuídos.

Para além desta competência ainda existem alguns aspectos que irão ser foco de trabalho e investimento no meu trajeto profissional. O trabalho reflexivo acerca dos desempenhos dos alunos nas aulas irá permanecer e continuarei a usar balanços das unidades pedagógicas leccionadas como base de sustentação para os possíveis reajustes que sejam necessários aplicar. Irei investir na melhoria da aplicação da avaliação formativa e estudarei novas formas de a concretizar. Apesar de esta ser aplicada conforme o planeado nas UE, nem sempre foi eficaz em todas as matérias e acredito que poderei envolver ainda mais os meus alunos na sua aprendizagem e consequente avaliação. Este processo terá de abranger toda a turma e terei de aplicar estratégias que me permitam atualizar, constantemente, os dados recolhidos nas aulas de modo a tornar esta mais eficaz. Aspectos como a minha movimentação e posicionamento nas aulas e a definição de momentos de varrimento das execuções nas diferentes estações são algumas das estratégias que adoptarei de modo a rentabilizar este processo. Outra prioridade para a minha formação, será a garantia da aplicação da diferenciação do ensino a toda a turma. A estipulação de objetivos desafiantes mas motivadores a todos os alunos de modo a mantê-los motivados nas suas aprendizagens será determinante neste objectivo pessoal.

Para além do planeamento e da avaliação, existe outro processo (já mencionado) fundamental para o processo ensino/aprendizagem, que é a condução e a intervenção pedagógica do ensino. Este conjunto de competências são, normalmente, aquelas que mais preocupam os estagiários quando enfrentam, pela primeira vez, a realidade da leccionação de uma turma (Teixeira e Onofre, 2010) Essa sensação, porém, foi sendo desmistificada através da progressiva adaptação à comunidade escolar e à sua dinâmica de trabalho, o que resultou numa cada vez maior valorização de outros âmbitos também presentes no estágio (Avaliação, Planeamento, Relação com a Comunidade...).

É importante realçar que é neste conjunto de competências onde acredito apresentar o maior número de potencialidades, quando comparadas com as existentes nas outras áreas de intervenção do estágio pedagógico. Apesar de sentir alguma ansiedade, no início do ano, em relação à condução do ensino, sempre soube que esta era a competência que me era mais familiar. Tive o privilégio de beneficiar de uma

formação inicial bastante qualificada, completa e competente. O facto de ter frequentado duas instituições superiores de ensino diferentes na minha formação, beneficiou-me na medida em que pude contactar com perspectivas e abordagens diferentes do ensino da EF, aprender conteúdos e estratégias com alguns dos docentes mais prestigiados e experientes da área e enriquecer bastante as vertentes teóricas e práticas do ensino da disciplina.

Também possuo alguma experiência, adquirida nos anos anteriores ao do estágio pedagógico, no contacto e na condução do ensino com jovens, como já foi referido anteriormente. Apesar de curta, esta experiência já contribuiu para a assimilação de algumas competências e conteúdos que me permitiram começar o ano de estágio com alguma “bagagem”. Segundo Luis Miguel Carvalho (1996), existem vários factores que condicionam e influenciam o conhecimento dos professores, sejam eles inexperientes ou “*experts*”. Esses factores estão presentes em todos os aspectos da vida do professor e resultam do processo de socialização que o indivíduo sofre. Este processo é contínuo e inicia-se ainda antes da formação inicial do indivíduo, através das suas vivências, princípios, prioridades e características individuais. Com esta informação pretendo apenas reforçar que o conhecimento que fui adquirindo ao longo da minha vida apresenta e continuará a apresentar um papel ativo na minha formação como professor de EF. Existe uma base de sustentação que alberga experiências vividas, opiniões pessoais e conhecimentos adquiridos que tem vindo a sofrer uma transformação ao longo deste processo formativo. Esta mudança tem sido bastante importante na medida em que me tem tornado mais competente como agente do ensino. O aperfeiçoamento da minha atividade como professor tem tido efeito até nas minhas crenças na área da EF que, segundo alguns autores (O’Sullivan, 2005), é uma prova de que este processo formativo (Estágio Pedagógico) garante a elevação da qualidade pedagógica dos estagiários.

Um exemplo prático disso mesmo foi a minha crença de que a minha intervenção e abordagem pedagógica inicial era a mais adequada às necessidades dos alunos. A verdade é que esta não era desadequada, mas podia ser muito mais positiva. Este facto surgiu com uma crítica a que fui sujeito, transmitida pelos diferentes agentes da minha formação (colega de estágio, Orientadora de Escola e Orientadora de Faculdade). A crítica consistia no facto de eu ser demasiado sereno e constante na minha intervenção nas aulas:

“...na próxima etapa de formação poderá demonstrar um maior entusiasmo e motivação para com as aprendizagens dos seus alunos levando-os a estarem empenhados na tarefa”

Ficha da 1ª Avaliação Intercalar (2012, p6)

Foi apenas através da visualização de gravações de algumas aulas filmadas que interiorizei e me apercebi da minha postura demasiado passiva. Esta minha percepção não estava a concretizar-se com a opinião dos meus pares, o que dificultava a sua ultrapassagem, portanto decidiu-se, em reunião de núcleo, que as aulas iriam ser filmadas e gravadas. A questão nunca foi eu não dar credibilidade à opinião dos meus colegas, mas a utilização de estratégias audio-visuais, permitiu acelerar o processo de interiorização do problema. A minha relação com os alunos evoluiu bastante bem. Estes mostraram-se mais motivados, empenhados e concentrados nas suas aprendizagens. A sua pontualidade e assiduidade também aumentaram bastante e apresentaram-se mais interessados nas suas evoluções na disciplina. Apesar do clima estar bastante positivo, alterei a minha postura na aula, um tanto serena de mais, para uma um pouco mais entusiasmada e dinâmica. Se me mostrar mais disponível e activo poderei potenciar a motivação e empenho dos alunos e será um dos meus objectivos para o meu futuro profissional.

Outro exemplo de uma crença alterada foi a de que uma abordagem mais amigável e menos autoritária iriam facilitar o processo ensino/aprendizagem independentemente da turma. Esta atitude não se revelou eficaz, como já tinha sido referido no relatório da 1ª Etapa:

“Já tinha conhecimento de existirem alguns alunos problemáticos no grupo e da turma se apresentar bastante heterogénea mas tentei uma abordagem amigável, que pecou por ser excessiva.”

Relatório de 1ª Etapa (2012, p18)

Perante esta situação tive de mudar a minha postura nas aulas de modo a garantir um clima positivo e produtivo. A minha abordagem aos alunos e procedimentos de gestão da aula eram um pouco permissivos e pouco disciplinadores. Esta estratégia era pouco adequada às condições de ensino, visto a turma apresentar um conjunto de alunos bastante faladores e muito pouco concentrados, o que levou a que a turma não estivesse concentrada na sua aprendizagem e muito pouco vinculada às tarefas. Como o processo/ensino aprendizagem estava a ficar comprometido, adoptei uma postura de

ensino diferente e tornei o meu discurso mais assertivo. A adopção desta nova estratégia revelou-se bastante positiva, pois a turma melhorou consideravelmente o seu comportamento mas principalmente a sua atitude perante as aulas e as tarefas. Os alunos apresentaram uma maior concentração e empenho nas tarefas e consequentemente uma maior integração no seu processo de aprendizagem. Por outro lado, senti um maior controlo sobre a turma que beneficiou bastante o clima entre aluno-professor e aluno-tarefa. Foram desenvolvidas e aplicadas uma série de medidas que me permitiram gerir melhor o clima de aprendizagem, medidas essas que consistiam em: separar os alunos mais conversadores nos momentos de instrução, usar o questionamento dirigido para focar a atenção dos alunos nos conteúdos das aulas, preparar antecipadamente os grupos de trabalho, planear e aperfeiçoar o meu deslocamento durante a condução do ensino, alargar o meu campo de observação e intervenção pedagógica e a mudança para uma atitude mais assertiva que já foi mencionada anteriormente. A aplicação dos procedimentos de prevenção de comportamentos desviantes tornou-se mais eficaz e continuará a ser uma preocupação constante no meu trabalho junto de uma turma.

Um aspecto relacionado com a prevenção dos comportamentos desviantes que ainda pode sofrer uma grande evolução, prende-se com o controlo geral da turma que se destacou como uma das minhas grandes prioridades de formação durante o Estágio. A minha intervenção, normalmente, é bastante rica, pertinente e eficaz, mas apresentava um grande defeito - era restrita aos grupos de trabalho e pouco à generalidade da turma:

“Deverá ser prioridade na próxima etapa de formação a preocupação de controlar a aula à distância, “levantando o olhar” aquando do acompanhamento de pequenos grupos, certificar-se sempre do início do começo das actividades nos grupos onde não está presente, bem como garantir a eficácia dos FB’s à distância”

Ficha da 1ª Avaliação Intercalar (2012, p6)

O meu grande desafio para os meus futuros desempenhos prende-se precisamente com o aumento da minha disponibilidade para a turma. Apresento uma grande tendência para me fechar, não fazendo a intervenção necessária, o que faz com que o universo de alunos que beneficia dos feedbacks necessários seja pequeno. Acredito que com a melhoria do meu controlo geral da turma (controlo à distância) os comportamentos fora da tarefa irão reduzir ainda mais.

Algumas dificuldades sentidas, na 1ª Etapa, no acompanhamento pedagógico foram sendo ultrapassadas: a identificação de erros nos desempenhos dos alunos no atletismo e dança, a disponibilidade em intervir e corrigir ao mesmo tempo que tento gerir os aspectos organizativos da aula e o equilíbrio de atenção entre as diferentes matérias:

“Relativamente à primeira etapa de formação continua a evoluir nos aspetos organizativos conseguindo garantir a organização e concentração da turma...”

Ficha da 2ª Avaliação Intercalar (2012, p3)

Para isso contribuíram a observação das aulas dos meus colegas do núcleo de estágio e o planeamento e previsão, nas UE, de estratégias de deslocamento e prioridades de acompanhamento das matérias e dos alunos. Através desta estratégia o meu posicionamento e intervenção apresentaram uma lógica mais eficaz, que beneficiou a aprendizagem dos alunos através de um acompanhamento personalizado e mais específico às necessidades destes. A variedade dos feedbacks transmitidos e o seu ciclo também sofreram uma evolução positiva e por ainda precisarem de consolidação, são duas competências que pretendo aperfeiçoar e praticar na minha lecionação. Um dos meus principais objectivos, neste ano de formação, passou por aperfeiçoar o mais possível a minha intervenção pedagógica e a riqueza dos meus feedbacks pois, tal como Costa (1991), também considero esta competência uma das mais importantes características de um docente de excelência.

Apesar das melhorias constatadas, a minha falta de disponibilidade geral para a turma impediu que a minha intervenção pedagógica atingisse um nível ainda mais qualificado. Visto a única estratégia de combate a esta dificuldade ser a condução do maior número de aulas possível, a Professora Manuela Jardim propôs que acumulasse a condução das aulas da minha turma com a sua. Aceitei este desafio e durante grande parte do ano letivo assumi a lecionação de duas turmas, de modo a ultrapassar esta minha lacuna. Esta experiência revelou-se bastante exigente e enriquecedora para mim.

Permitiu-me interagir e contactar com uma turma de características diferentes da minha - menos alunos, níveis de desempenho mais elevados, problemas de disciplina diferentes - o que exigiu uma capacidade adaptativa que será importante para o meu futuro trajecto profissional. O fato da turma ser mais pequena facilitou o controlo geral dos alunos, mas as personalidades destabilizadoras também são diferentes da turma a que estava habituado e exigiram uma atenção constante e ativa. Todos estes aspectos foram

úteis no meu treino e formação e provocaram uma elevação das minhas capacidades de liderança e gestão da aula.

A melhoria do controlo à distância durante o ano, potenciou, não só, o empenhamento dos alunos, mas também, os ajustamentos nos exercícios propostos nas aulas. As tarefas propostas foram sendo adequadas às necessidades dos alunos e a melhoria da aplicação da avaliação formativa serviu para adequar algumas situações de aprendizagem. Este é um processo que ocorreu com uma certa naturalidade no decorrer das aulas e sem grandes dificuldades. A própria elaboração, planeamento e balanço das UE espelhou essa mesma preocupação, que esteve sempre presente. Sempre que ocorreram situações desadequadas ou inapropriadas, foram discutidas em reunião formativa após as aulas.

Uma das grandes vantagens e benefícios que senti neste estágio foi a contribuição muito positiva do método de trabalho estipulado pela Professora Manuela Jardim tem proporcionado. Observámos todas as aulas dos nossos colegas do núcleo de estágio e durante bastante tempo, tanto eu como a minha colega, tivémos a oportunidade de conduzir o ensino em duas turmas. Este exercício revelou-se fundamental no constante aperfeiçoamento e melhoria da nossa intervenção pedagógica e a constante interação e partilha de conhecimentos (através da aplicação de um clima formativo de transmissão de críticas constructivas) o que enriqueceu bastante este processo. A discussão e argumentação dos desempenhos nas aulas deixou de ser excessivamente descritivo para ser mais prescritivo o que tornou as reuniões menos longas mas mais produtivas. O núcleo de estágio focou-se sempre na transmissão e proposta de estratégias para ultrapassar as dificuldades observadas. Os professores estagiários aplicaram as estratégias propostas de modo a acelerar o seu aperfeiçoamento na intervenção pedagógica. A observação e análise da intervenção ficou mais eficaz e objectiva e permitiu acelerar a transmissão de conselhos e informação. Esta metodologia de trabalho resultou ainda na criação de instrumentos de observação pedagógica que foram sendo utilizados ao longo do ano.

No que diz respeito às estruturas organizativas e aos procedimentos de gestão da aula existem alguns aspectos que necessitam ser consolidados e melhorados. Para cumprir definitivamente esta competência terei de, futuramente, garantir a eficácia das transições de espaço de aula (só assim poderei garantir um maior tempo de prática dos alunos), controlar melhor a arrumação do material e supervisionar melhor a turma em geral. A arrumação do material nem sempre foi realizada da maneira mais ordenada e

organizada o que potencia o surgimento de comportamentos desviantes, o atraso da aula e a degradação do material didático. Irei, na próxima oportunidade, supervisionar e orientar melhor este momento da aula e definirei melhor as responsabilidades de transporte do material (na transição dos espaços). Este último aspecto faltou, em momentos do estágio, para tornar a transição de espaço de aula mais rápido e fluido. O clima das aulas melhorou e não apresento grandes dificuldades nos momentos de instrução ou de gestão do tempo:

“Utiliza frequentemente o questionamento para reconduzir a atenção dos alunos e também para se certificar se os alunos entendem a informação que lhes está a ser transmitida (...) Houve também uma melhoria relativamente aos aspectos da gestão do tempo, não só no início das atividades, como nas transições entre as estações, bem como entre as transições dos espaços, de forma a conseguir que os alunos tenham um maior tempo de prática...”

Ficha da 2ª Avaliação Intercalar (2012, p3)

Em relação aos momentos de informação acerca das atividades propostas penso que cumpro com as minhas responsabilidades com sucesso. Apresento uma grande facilidade nos momentos de instrução, sendo este um dos meus pontos fortes. Posso um conhecimento alargado sobre todas as matérias da disciplina de EF e nos casos onde surgiam dúvidas ou incertezas, recorri sempre à consulta de literatura associada ou ao esclarecimento de dúvidas com a minha colega de estágio ou com a professora orientadora. Consegui implementar um discurso claro, breve e organizado que se torna compreensível para os meus alunos. A linguagem utilizada também foi adequada sem nunca descuidar os termos técnicos que também servem para enriquecer a aprendizagem dos alunos. A introdução do questionamento dirigido foi sendo aperfeiçoada e revelou-se uma preciosa ajuda no ensinamento de conteúdos e como estratégia de controlo da atenção da turma:

“...tem-se preocupado em ser claro, focando os aspectos essenciais para o sucesso das tarefas, acompanhando muitas vezes a explicação de demonstração e questionamento dirigido e focado, para se certificar se os alunos perceberam o que lhes foi transmitido e/ou reconduzir a atenção...”

Ficha da 1ª Avaliação Intercalar (2012, p5)

Outro aspecto associado que também foi aplicado com sucesso são as demonstrações das tarefas (principalmente nas primeiras aulas das UE), que apliquei sempre que necessário. Tentei sempre demonstrar da maneira mais clara e simples

possível o que se pretendia para cada aula e exercício. Também recorri, com frequência, a alunos para me ajudarem nas demonstrações. Deste modo foi possível envolver melhor os alunos na disciplina e permitiu-me, não só, valorizar e elogiar desempenhos, como destacar e enunciar alguns erros mais comuns dos alunos, enriquecendo desta maneira a minha instrução.

Apesar de me sentir confortável nesta competência existem sempre alguns aspectos que podem ser melhorados. Um deles é a realização de balanços com conteúdo, focando os bons exemplos e desempenhos da turma. Nem sempre consegui garantir a qualidade deste momento pois nem sempre adquiri o conhecimento real do desempenho de todos os alunos (falta de disponibilidade para a turma). Também terei de continuar a realizar as pontes entre cada aula de modo a transmitir continuidade e coerência no processo ensino/aprendizagem. Outra meta que estipulo para o futuro é o aperfeiçoamento da conjugação da utilização da demonstração com a explicação dos critérios de êxito do exercício.

Uma das grandes evoluções, ao longo deste processo formativo, prendeu-se com o desenvolvimento das capacidades de cumprimento de compromissos planeados, de cooperação com os diferentes intervenientes, num clima de cordialidade e respeito, de interajuda e sentido crítico, manifestando responsabilidade, iniciativa, criatividade e adaptabilidade no planeamento, na condução e na avaliação do ensino.

No que diz respeito a esta competência caracterizo-me por apresentar, sempre que pertinente, um sentido crítico e bastante responsável no desempenho do meu trabalho. São dois aspectos pessoais que transmito com naturalidade para o contexto da minha formação pedagógica. Existiu uma interação e interajuda positiva e essencial para que o processo ensino/aprendizagem fosse fluido e enriquecedor. Esteve presente um ambiente bastante crítico-constructivo no núcleo de estágio que possibilitou um aperfeiçoamento do nosso desempenho nas aulas. O aumento da produtividade e de rendimento das reuniões/debates reflexivos após as aulas, contribuiu, de forma essencial, para a nossa evolução como docentes. Um dos aspectos que foi sofrendo melhoria significativa, foi o facto do núcleo de estágio manter uma continuidade no trabalho colaborativo nas aulas, tarefas e responsabilidades diversas a concretizar. A realização das fichas e instrumentos de avaliação formativa foram sendo feitas em conjunto. Após as aulas e, principalmente, no fim de cada UE criou-se um ambiente crítico e comparativo de modo a recolher os dados o mais correctamente possível. Este

processo fallitou a adequação das situações de aprendizagem e a reestruturação dos grupos de nível o que permitiu realizar um planeamento coerente das turmas leccionadas. Durante o ano continuámos a investir no trabalho cooperativo e intensificámos a discussão crítica do desempenho dos alunos durante as aulas.

GRUPO DE EF

A nível pessoal acredito que poderia ter apresentado um papel mais ativo nas reuniões do Grupo de EF e assumido, com maior ênfase, a minha opinião acerca dos assuntos discutidos. A minha personalidade mais reservada e discreta não me beneficiou nestes momentos de cooperação. De qualquer maneira, sempre que foi necessário intervi, questionei e interagi com os docentes de maneira a garantir a concretização dos projetos do âmbito do estágio. Considero a minha participação positiva mas acredito que com o tempo e experiência serei capaz de assumir uma postura mais interventiva e confortável nestas situações.

Existiu sempre uma boa relação com o Grupo de EF e muitas vezes a interação com este proporcionou a partilha de conselhos, opiniões e estratégias que facilitaram e enriqueceram a minha intervenção pedagógica junto dos alunos. Uma das experiências mais enriquecedoras que o estágio me proporcionou, relacionado com o Grupo de EF, foi a semana de Professor a Tempo Inteiro (PTI), realizada no 2º Período.

Os principais objectivos deste período de trabalho, passam por permitir aos professores estagiários contactar com diferentes anos lectivos, com diferentes turmas e, consequentemente, diferentes estilos e estratégias de ensino, assumir diferentes funções e responsabilidades de um professor, cooperar e interagir com os diferentes professores do Grupo de EF e estreitar e enriquecer a relação com a comunidade educativa da instituição escolar. Considerando os objectivos anteriormente destacados, no momento da construção do meu horário de PTI centrei-me em 2 critérios: seleccionar turmas com horário compatível com as responsabilidades que assumi durante o meu Estágio (leccionação da disciplina de Formação Cívica, atendimento aos Encarregados de Educação e Trabalho de Direcção de Turma, planeamento e condução do ensino da disciplina de EF e de um Núcleo de Desporto Escolar); e escolher a maior variedade possível de anos lectivos, de modo a enriquecer ainda mais este momento de formação.

Assim sendo, e considerando também que assumi a condução de ensino da turma da Professora Orientadora de modo a ultrapassar algumas dificuldades formativas e que a Instituição Escolar apresenta apenas alunos do 2º e 3º Ciclo, escolhi uma turma do 5º

ano, do 6º ano e do 9º ano. Antes da condução do ensino ocorreu um período de preparação e planeamento, onde juntamente com os professores responsáveis reuni informações importantes e relevantes para a minha semana de trabalho com as turmas, nomeadamente: quais as matérias a leccionar, que materiais utilizar, características gerais da turma, focos de instabilidade e casos especiais.

A turma do 5º ano foi referenciada como uma turma habituada às rotinas de organização e com alunos de nível bastante satisfatório. Uma das características positivas mencionadas foi o facto dos alunos possuírem hábitos de organização e gestão da aula já interiorizados. No que diz respeito à metodologia de ensino das matérias a Professora responsável informou que os alunos já possuíam alguma autonomia e foram estruturados grupos de nível de modo a aplicar a diferenciação do ensino. O facto de a turma apresentar bons hábitos e rotinas de organização e gestão da aula resultou numa grande eficácia nos momentos de transporte, montagem e arrumação do material. A turma apresentou-se sempre interessada nas tarefas e motivada para a prática. Numa das aulas conduzidas foi possível centrar toda a intervenção numa só matéria (aula monotemática – Patinagem). Este facto facilitou o acompanhamento do desempenho dos alunos e permitiu-me estar mais dentro da aula. Foi uma aula bastante rica em feedbacks e onde foi possível interagir bastante com os alunos o que provocou um clima de aula bastante motivador e positivo. Esta foi uma das raras oportunidades de leccionar apenas uma matéria numa aula e considerei uma experiência bastante enriquecedora e interessante.

Foi possível repetir essa experiência na condução da turma do 6º ano onde leccionei duas aulas monotemáticas: uma de futebol e outra de patinagem. As informações fornecidas pelo professor responsável foram bastante úteis para a condução do ensino nesta turma. Foi-me prevenido de que a turma possuía alguns alunos destabilizadores que iriam necessitar de constante controlo. O nível dos alunos também era bastante heterogéneo, existindo alunos bastante competentes nas matérias e outros com bastantes dificuldades nas aprendizagens. Foi ainda mencionado um caso especial de uma aluna que não iria realizar as aulas devido a um problema de saúde que possuía. O professor, em relação à metodologia de ensino das matérias, permitiu-me explorar as estratégias que quisesse. Devido às características já mencionadas da turma, optei por adoptar as metodologias habituais do professor em algumas matérias. Esta decisão prendeu-se com o facto de eu não possuir um conhecimento profundo e pormenorizado das dificuldades dos alunos e, assim sendo, desta maneira pude conduzir o ensino sem

prejudicar as aprendizagens dos alunos. A turma apresentou-se sempre disponível e aplicada nas tarefas (excepto algumas excepções) e a maioria dos alunos revelaram-se bastante empenhados e motivados para a prática. Existiu um bom clima de aula – os alunos revelaram gosto pela disciplina.

Em relação à turma do 9º ano o professor responsável avisou-me de que esta era problemática. Os alunos não apresentavam muito interesse nas suas aprendizagens, não eram pontuais nem assíduos e normalmente apresentavam muito pouco empenhamento nas tarefas das aulas. Segundo este, a turma apresentava-se heterogénea em relação aos níveis dos alunos. A turma, como já tinha sido referido pelo professor, revelou-se bastante desinteressada pela disciplina. Os alunos não apresentaram hábitos e rotinas de trabalho, o que é pena visto alguns alunos apresentarem capacidades para se destacar em EF. Chegaram bastante atrasados a todas as aulas e não apresentaram, na maior parte das vezes, um equipamento adequado à prática de actividade física. Apesar de pouco trabalhadora acredito que a turma precisava apenas de alguma disciplina e organização. Ao longo da semana apercebi-me de que os alunos apresentaram boas capacidades e de que, com alguma assertividade, revelaram uma grande “sede” de aprendizagem.

Em suma, não senti grandes dificuldades na preparação e condução das aulas de diferentes anos lectivos. Neste ponto o trabalho colaborativo com os professores responsáveis foi um aspecto crucial e um dos que mais apreciei nesta semana de trabalho. Foi bastante enriquecedor conviver, interagir, discutir e partilhar as aulas com Professores mais experientes e com diferentes qualidades entre si. Acredito que é da minha responsabilidade identificar as melhores características de cada docente e aprender o mais possível com os conhecimentos transmitidos.

O contacto com um novo universo, mais abrangente, de alunos permitiu-me também conhecer melhor a comunidade educativa que envolve o estabelecimento onde me encontrei a estagiar. Foi possível interagir com diferentes alunos, de diferentes origens e com diferentes necessidades. Após esta experiência acredito, ainda mais, que uma das principais qualidades de um bom professor é a sua capacidade de se adaptar aos seus alunos. É essencial que adaptemos as nossas estratégias e estilos de ensino às características das diferentes turmas. Só assim será possível promover um clima de aprendizagem positivo e foi um aspecto que senti pessoalmente com a turma do 9º ano.

COMUNIDADE EDUCATIVA

A semana de PTI não foi a única tarefa exigida pelo Estágio Pedagógico que contribuiu para uma melhor integração pessoal no seio da comunidade educativa. As relações e cooperações com os restantes membros da Escola estreitaram-se bastante com a realização de outras atividades, nomeadamente a ação de animação sócio-educativa concretizada no último dia de aulas do 2º Período - 23 de Março.

O núcleo de estágio aproveitou a atividade “Dos 8 aos 80”, já existente na instituição escolar, oferecendo, no entanto, o seu “cunho pessoal”. Esta atividade caracteriza-se por ser uma “comemoração” do Dia das Expressões, incluída nas atividades do Plano Anual da escola com a integração de encarregados de educação, professores, alunos do 2º Ciclo da Eugénio dos Santos, alunos do 4º ano das Escolas do Agrupamento e o grupo “Os Briosos” da Junta de Freguesia de S. João de Brito. A atividade consiste no desenvolvimento de experiências no campo das Expressões Artísticas e Motoras através de um trabalho colaborativo entre os Professores de Educação Física (EF), Educação Visual e Tecnológica (EVT), Educação Musical (EM), Educação Visual (EV) e Educação Tecnológica (ET). Esta atividade foi bastante exigente em termos de planeamento, organização e execução, mas por ter sido pensada, planeada e preparada com bastante antecedência, houve tempo e oportunidade para resolver todas as adversidades e tornar a atividade um sucesso.

“Os Briosos” assumiram um papel fundamental na transmissão dos bons valores e princípios através de uma interacção positiva com os alunos nas atividades propostas. Esta interacção promovida pelos Jogos Tradicionais revelou-se importantíssima na passagem das tradições da sociedade e do País preservando a nossa identidade e os nossos costumes mais antigos. Aspectos como o respeito pelo próximo, a amizade, a responsabilidade e a ajuda estiveram visivelmente presentes nesta acção, onde os próprios Idosos interagiram, aprenderam, beneficiando, também com este fantástico encontro de gerações. A participação dos alunos do 4º ano das escolas do Agrupamento Eugénio dos Santos teve também como objectivo a apresentação da escola aos futuros alunos. A atividade proporcionou uma interessante interação alunos-escola bem como alunos 1º ciclo – alunos 2º ciclo, que já sendo pertencentes à casa lhes foram mostrando os seus “recantos” e partilhando experiências. Os Encarregados de Educação, Professores convidados e restantes alunos da Eugénio dos Santos, nomeadamente do 3º

ciclo, foram integrados nas diversas equipas onde assumiram a responsabilidade de guiar e orientar os participantes durante toda a ação.

A dinâmica da atividade ditava que metade dos participantes realizava experiências no campo das expressões artísticas e a outra metade no campo das expressões físicas. Assim sendo, foram criadas 22 equipas constituídas por cerca de 12 membros. Cada equipa seria constituída por 4 alunos da Eugénio dos Santos (2 do 5º ano e 2 do 6º ano) 6 alunos das escolas do Agrupamento (3 de S. António e 3 de S. Miguel) e 2 responsáveis de equipa, que poderiam ser Encarregados de Educação, Professores ou alunos convidados.

As atividades foram escolhidas de modo a que qualquer escalão etário pudesse participar e de acordo com os objetivos propostos foram, maioritariamente, escolhidos Jogos Tradicionais. Este ano foi introduzido o Paintball, uma novidade na ação, que como era esperado suscitou grande curiosidade nos participantes e um grande entusiasmo. Esta actividade contrasta um pouco com os restantes Jogos Tradicionais mas também servirá como uma oportunidade a muitos participantes de experimentar uma modalidade alternativa nem sempre acessível a todos. Foi também muito interessante proporcionar aos Idosos a oportunidade de contactar com uma modalidade emergente. Em suma, foram organizadas 11 estações: Corrida das Sacas, Tiro ao alvo, Pião, Macaca, Berlindes, Pés atados, Arco e Gancheta, Às Cegas, Paintball, Salto à Corda e Pinhata.

A organização do material, dos recursos humanos e dos aspectos logísticos, de som e animação foram todos assumidos pelos professores estagiários. Como é possível imaginar o material é bastante vasto e foi necessário um grande esforço para conseguir reuni-lo todo a tempo e horas.

Para o sucesso da atividade contribuiu também as reuniões e encontros com os diversos intervenientes de onde se destacam: a reunião com o grupo de EF onde distribuiu-se os professores pelas estações (conforme os seus gostos pessoais), as fichas das regras de cada jogo, o mapa de distribuição da atividade e onde foi pedido que se recrutassem mais alguns Professores para serem responsáveis por algumas estações; os contactos e reuniões pessoais com os responsáveis da Junta de Freguesia de S. João de Brito para convidar “Os Briosos” para a atividade e para reunir e recolher o material requisitado; os contactos e visitas constantes às escolas de 1º Ciclo de modo a transmitir as informações necessárias como convites formais para a acção, divulgação da atividade, distribuição e recolha das autorizações para os Encarregados de Educação

(EE), recolha das listas de alunos do 4º ano bem como o fornecimento da distribuição dos alunos participantes pelas respectivas equipas; o trabalho cooperativo e constante com os Professores do Departamento de Expressões, com a Direcção e funcionários da escola Eugénio dos Santos na recolha e organização de todos os materiais necessários à acção; a aprendizagem de manuseamento dos materiais do som, mesa de mistura, colunas e microfone, com os Professores de Educação Musical, que se mostraram sempre bastante disponíveis e muito cooperativos.

No dia da acção participaram mais de 226 elementos da comunidade educativa, os jogos e rotações decorreram sem problemas e a atividade começou e acabou dentro do horário estipulado. A manhã de 23 de Março foi marcada por um ambiente festivo, descontraído e de convívio bastante alegre e positivo partilhado por professores das diversas disciplinas e de diversas escolas, encarregados de educação (EE), alunos e funcionários. Algumas das mais-valias da acção foram a organização dos aspectos logísticos facilitadores e aceleradores dos processos de organização (autocolantes identificadores, fichas orientadoras, constituição das equipas...), as condições de conforto estabelecidas para os participantes (chapéus de Sol, águas, cadeiras...) e a existência de brindes para todos os participantes e de prémios finais para os vencedores

Para se determinar o sucesso deste projeto o núcleo de estágio centrou-se no cumprimento ou não dos objetivos e metas traçados no projeto orientador:

- *A aquisição, por parte da organização do projecto, dos recursos (humanos e materiais) que possibilitem o desenvolvimento e a continuidade do projecto de maneira satisfatória;*
- *Envolvimento e participação da comunidade escolar no projecto desenvolvido e em particular do departamento de Educação Física, aumentando o interesse nas questões abordadas no projecto;*
- *Participação dos encarregados de educação e da comunidade nas acções propostas;*
- *Participação dos alunos*

Documento Orientador dos 8 aos 80 (2012, p13)

Como já foi descrito anteriormente, todos os indicadores de sucesso foram cumpridos fazendo desta uma das responsabilidades mais exigentes do ano de estágio, revelando-se também como uma das mais gratificantes, principalmente porque os professores estagiários conseguiram deixar um registo muito positivo na comunidade educativa.

TRABALHO ADMINISTRATIVO

Outro trabalho colaborativo que foi desenvolvido e que também sofreu uma evolução positiva foi o realizado junto da professora Diretora de Turma (DT) , o clima aberto, cooperativo, responsável e criativo junto desta beneficiou bastante a minha coadjuvação das funções de DT. Cooperei e auxiliéi em todas as funções inerentes a esta responsabilidade: ajudei a preparar as reuniões com o Conselho de Turma e com os EE, onde tive a oportunidade de participar activamente, registei as faltas de presença no sistema informático da escola, organizei e estruturei o dossier de turma e o livro de ponto, elaborei em coadjuvação com a Professora o Projecto Curricular da Turma (PCT) e estive sempre presente, todas as semanas, no horário de atendimento aos EE onde também elaborei trabalho burocrático com a Professora.

Existem alguns aspectos que gostaria de focar nas responsabilidades acima referidas. Em relação à organização do *dossier* da turma esta foi sendo realizada ao longo do ano. Com a existência de constantes reuniões, contactos com os EE e ocorrências da turma foi difícil manter o *dossier* actualizado todas as semanas. De qualquer modo no final do ano este ficou organizado e actualizado. No que diz respeito à preparação das reuniões de Conselho de Turma tentei ser o mais útil e prestável possível para a professora mas acredito que talvez o meu contributo nesta competência pudesse ter sido mais ativo. As reuniões foram preparadas em conjunto mas a existência de uma secretária para a professora DT filtrou um pouco a densidade de trabalho a realizar. De qualquer modo, o trabalho colaborativo desenvolvido pelos 3 agentes do ensino foi bastante positivo. Finalmente, gostaria de realçar as reuniões com os EE que se revelaram como o aspecto mais enriquecedor, para mim, neste âmbito do estágio pedagógico. O contacto com os EE permitiu-me conhecer melhor os meus alunos e perceber que tipo de problemas estes enfrentavam. Estive presente em todas as reuniões e estas ajudaram a compreender melhor a dinâmica da turma e as suas principais características e necessidades.

Uma das conclusões que retirei, na execução desta tarefa, foi de que o papel do EE é essencial no caminho para o sucesso dos alunos. Nos casos em que não existia uma estabilidade emocional ou um acompanhamento responsável por parte do EE, verificava-se um desvio comportamental do aluno ou um mau desempenho escolar. Por outro lado os alunos que apresentavam EE presentes e activos no seu processo educativo revelavam os melhores desempenhos.

Outro importante papel que assumi neste âmbito foi o de planeamento e condução das aulas de Formação Cívica (FC). Esta é mais uma das áreas da responsabilidade do DT, uma área curricular não disciplinar, na qual se pretende a sistematização e operacionalização de alguns conteúdos, que aplicados na prática, poderão garantir a cidadania, pois o objectivo é mesmo apresentar princípios e competências que estruturam o exercício da cidadania como uma prática responsável.

Estas sessões foram utilizadas para desenvolver determinados temas e para realizar tarefas de direcção de turma como justificação de faltas e resolução de problemas dos alunos. Em reunião com a DT ficou claro que a minha participação nesta disciplina iria sempre depender dos assuntos que poderiam ou não que ter que ser abordados em relação a assuntos de direcção de turma.

No 1º Período foi abordada a temática da “Solidariedade” que culminou com a visita de estudo à Fundação “Casa do Gil”. Nesta visita os alunos tiveram a oportunidade de conhecer e explorar a instituição e os seus estabelecimentos. Também foi permitido aos alunos interagir com algumas das crianças que beneficiam dos serviços desta instituição. Após a análise do relatório e do questionário realizados pelos alunos, referentes a esta temática e visita de estudo, foi possível constatar que houve uma sensibilização positiva nos alunos da turma para questões relacionadas com crianças desfavorecidas, discriminação social, dificuldades socio-económicas e relação entre pares (família, amigos, professores). Os alunos gostaram bastante das aulas e realçaram o desejo de participarem em mais visitas de estudo.

Do 2º período até ao final do ano o planeamento realizado esteve associado às temáticas da prática de actividade física (AF) e da adopção de uma alimentação saudável. Estes temas estão associados ao projeto “Actividade é Saúde” da área 2 do Estágio Pedagógico (Inovação e Investigação Pedagógica). Os alunos sofreram uma forte sensibilização para estas temáticas através de várias estratégias de formação: aulas de debate, visualização de filmes, jogos interativos e lúdicos e transmissão de conteúdos teóricos. Um dos desafios identificados neste âmbito foi a dificuldade em cumprir o planeamento realizado. Visto a turma apresentar bastantes casos de indisciplina e mau desempenho, surgiram vários assuntos relacionados com a Direcção de Turma que tiveram de ser abordados na disciplina e que atrasaram o desenvolvimento dos temas. Até ao final do ano o planeamento não foi totalmente cumprido, no entanto, esse facto não prejudicou o projecto “Actividade física é Saúde” e a transmissão de conteúdos e valores ficou garantida.

As aulas desta disciplina foram bastante dinâmicas e apelativas para a turma, principalmente devido à natureza bastante vasta de instrumentos e estratégias pedagógicas aplicadas. Os alunos mostraram-se sempre bastante motivados e participativos e foi com bastante agrado que verifiquei uma mudança significativa, não só, nos seus conhecimentos, mas também, nas suas atitudes.

É importante destacar ainda que surgiu a necessidade de abordar a temática do *Bullying* junta da turma. Após reunir com a professora DT, e constatar que este era um problema emergente no seio de turma, considerámos fundamental atuar na disciplina de FC. A intervenção realizada foi eficaz pois os problemas existentes foram eliminados com sucesso.

A condução destas aulas revelou-se enriquecedora pois tive a oportunidade de trabalhar junto dos meus alunos num contexto diferente e sobre matérias variadas. A disciplina também se revelou importante para o bom funcionamento da turma e para o desenvolvimento dos alunos. Estes tiveram a oportunidade de estudar e contatar com temas e assuntos de naturezas diferentes daquelas que a maior parte do seu currículo oferece. Também se revelou um espaço de correção e resolução de problemas e conflitos da turma. Considero esta disciplina essencial para o currículo escolar dos alunos, pois potencia a aproximação do professor DT destes e permite exercer um controlo mais eficaz à dinâmica do grupo.

Outra tarefa fundamental e bastante exigente que foi desenvolvida com o auxílio da Professora DT foi a caracterização da turma que partiu de uma ficha individual do aluno. As dimensões sociais, económicas, curriculares, familiares, pessoais, emocionais e psicológicas foram abordadas o que permitiu conhecer melhor o grupo com que trabalhei. Através dos dados recolhidos foi possível, não só, criar uma caracterização da turma, mas também, definir linhas orientadoras de trabalho em consonância com as necessidades dos alunos (para melhor intervir e potenciar o processo ensino/aprendizagem) e realizar um cronograma. Este ultimo documento referido, pode-se revelar como um importante apoio no trabalho do professor, seja ele de que área for.

O estudo foi bastante completo e incluiu um Sociograma onde foi abordada a relação dos alunos em relação aos seus colegas de turma. Este estudo foi importante na criação dos grupos de trabalho e na percepção dos alunos socialmente aceites e os rejeitados. Os alunos responderam a um conjunto de perguntas muito simples, onde destacaram os colegas da turma que gostam e não gostam de interagir ou trabalhar.

Visto este instrumento estar focado nas escolhas pessoais dos alunos, torna possível ao professor evitar comportamentos desviantes separando alunos que interajam mal de modo a combater atritos desnecessários durante as aulas, compreender a natureza de algumas interações positivas ou negativas entre os alunos e constituir de forma mais sustentada os possíveis grupos de trabalho para as actividades, de modo a potenciar mais eficazmente a aprendizagem dos alunos.

Ao longo do trabalho cooperativo partilhado com a professora, apercebi-me de que o papel do DT é fundamental para o sucesso educativo de uma turma pois ele é um dos principais mediadores entre os diversos intervenientes no processo educativo da turma - alunos, EE e Professores (Rodrigues & Esteves, 1993). Tendo este facto em conta, faz todo o sentido que estas funções estejam integradas num estágio pedagógico para a formação de professores. Para além de nos possibilitar contactar com outras “realidades” do processo de formação dos alunos, como o contacto com os EE ou o trabalho colaborativo com professores de outras áreas disciplinares, permite-nos também envolver, com maior efetividade, na comunidade escolar através de um acompanhamento sempre qualificado do DT.

Apesar dos aspetos positivos mencionados, considero que esta função está sobrecarregada de trabalho de secretaria. A quantidade de responsabilidades do professor DT é bastante elevada e todos os processos e funções a cumprir exigem o preenchimento e recolha de demasiada informação e trabalho administrativo. Muitas vezes a densidade de procedimentos desgasta e condiciona a disponibilidade temporal e psicológica do professor para executar tarefas mais importantes e relevantes para os seus alunos. Seria interessante desenvolver uma ferramenta ou instrumento de apoio ao docente que filtrasse ou reduzisse a sua quantidade de tarefas administrativas. Deste modo este poderia apresentar uma maior eficácia na execução da sua função como DT, que se revela determinante para o sucesso educativo de qualquer turma (Marques, 2000).

ATIVIDADE INTERNA REGULAR

Outro importante agente, no meu processo de formação como professor de EF, foi o professor responsável pelo Voleibol da Eugénio dos Santos, com quem partilhei a responsabilidade no planeamento, condução e avaliação de um núcleo de Desporto Escolar (DE). Sendo o estágio pedagógico uma oportunidade única de formação, de enriquecimento profissional e pedagógico, faz todo o sentido utilizá-lo de maneira a procurar um maior enriquecimento individual e, se possível, aproveitá-lo para tapar

algumas lacunas/necessidades formativas pessoais de modo a aperfeiçoar a minha intervenção como profissional do ensino em EF. A situação que o estágio me proporciona é excepcional, ou seja, irá ser muito difícil, durante a minha constante formação, beneficiar de um acompanhamento personalizado, diário e qualificado no planeamento e condução do treino desportivo de uma modalidade durante um ano inteiro. Perante este cenário a aprendizagem torna-se muito mais significativa e rica se eu apresentar algumas lacunas e necessidades de aperfeiçoamento do que se tratar de uma modalidade com a qual me identifico mais e, consequentemente, na qual serei mais competente.

Foi nesse sentido que escolhi a modalidade de Voleibol dentro daquelas pelas quais poderia optar (Patinagem, Voleibol e Ginástica de solo e Saltos) para acompanhar dos Núcleos de DE, visto ser esta, aquela onde sentia que podia evoluir e aprender mais e desta maneira dar mais significado ao estágio pedagógico. Penso que cumpri de forma positiva todos os objectivos estipulados nas competências referentes ao DE.

Assumi várias funções e contribuí bastante para o bom funcionamento do núcleo. Dentro do trabalho inerente ao DE assumi todos os papéis: promover o núcleo junto dos alunos da escola, organizar e atualizar o *dossier* do Grupo, inscrever os alunos via net, distribuir e recolher as autorizações dos pais para os treinos e para as participações nos torneios, registar as presenças dos alunos nos treinos, preencher os relatórios mensais de treinos, realizar o planeamento anual de treinos, participar ativamente na organização e condução dos treinos e acompanhamento da equipa aos Torneios Abertos. Em relação a todas estas funções, fui eu que assumi desde o início, por iniciativa própria, a sua responsabilidade. O trabalho colaborativo fluíu sem dificuldades e pude sempre contar com o seu apoio e orientação quando necessário. O bom ambiente foi um dos factores positivos e facilitadores neste processo de formação. O trabalho colaborativo com o professor responsável ocorreu com fluidez e naturalidade, o seu papel e experiência foram fundamentais na minha evolução progressiva dentro do núcleo de voleibol e na minha aprendizagem da modalidade. A sua postura descontraída e acessível foi fundamental para um ambiente responsável e positivo.

No que toca à condução dos treinos, desde a primeira sessão que o professor me permitiu intervir e participar na condução destes. A lógica implementada foi de que, com o decorrer do tempo, eu me fosse integrando cada vez mais na dinâmica da condução dos treinos (4ª, 5ª e 6ª feiras). Este processo decorreu com facilidade e a partir de um determinado momento já possuía total autonomia na preparação e condução dos treinos do núcleo.

Os objectivos pessoais foram sendo ultrapassados com alguma naturalidade e ao longo do processo foram surgindo novos objectivos a atingir. Esses objetivos eram definidos através da realização de autoscopias semanais realizadas para refletir acerca do desempenho dos alunos e da minha intervenção. Esta estratégia foi implementada a partir da 2ª Etapa de formação e permitiu-me aumentar consecutivamente a fasquia da minha participação no núcleo o que beneficiou bastante o meu processo formativo pois incentivava à minha constante autoperfeição.

De todas as dificuldades sentidas as mais relevantes prenderam-se com a aplicação da diferenciação do ensino junto dos alunos, com a diversificação das tarefas nas aulas, com a manutenção de um bom clima de aula e da motivação dos alunos. Para enfrentar estes desafios recorri à experiência do professor responsável pelo núcleo, da professora Manuela Jardim e ao estudo e pesquisa de bibliografia associada à metodologia do ensino da modalidade. Com o tempo os desafios foram sendo ultrapassados e a minha autoconfiança aumentando, na preparação e condução dos treinos.

A minha autonomia ficou totalmente adquirida e uma das minhas principais dificuldades também foi ultrapassada – conhecimento das progressões pedagógicas para o ensino do Voleibol, mencionado no relatório de 1ª Etapa:

“...uma das dificuldades que sinto é no conhecimento pouco variado e flexível que possuo do ensino do Voleibol. Nesse sentido, pretendo aprender o mais possível das didácticas de ensino e treino da modalidade. Deste modo poderei enriquecer e aumentar a minha intervenção nos treinos e consequentemente aperfeiçoar-me como profissional de EF.”

Relatório de 1ª Etapa (2012, p25)

Este conhecimento beneficiou a minha intervenção e aumentou a minha autonomia e qualidade no acompanhamento dos treinos. A aplicação da diferenciação do ensino tornou-se automática e as tarefas caracterizaram-se por serem sempre desafiantes e motivadoras para os alunos. Este conhecimento também foi fundamental para contornar algumas limitações nos treinos, nomeadamente os treinos de sexta-feira onde o espaço de aula era bastante reduzido. Foram sendo realizadas autoscopias de todos os treinos o que me permitiu estipular novas metas no meu acompanhamento dos treinos.

Todo este progresso pessoal beneficiou o núcleo e o seu desenvolvimento. O fato do grupo de trabalho ser muito heterogéneo já não representava um problema, visto estar

completamente adaptado a essa característica. A qualidade dos treinos aumentou e os desempenhos e competências dos alunos também evoluíram bastante.

Os torneios funcionaram sempre como medidores das alterações que deveriam ou não ser adoptadas nos treinos e as formas jogadas condicionadas foram a metodologia mais privilegiada de modo a aproximar os treinos à competição. Os alunos apresentaram-se mais competentes, com o desenrolar das semanas, e atingiram várias vitórias nos momentos competitivos. Este facto resultou numa maior motivação dos alunos que apresentaram um nível de pontualidade e de assiduidade bastante maiores que no 1º Período. Aliás, o próprio núcleo, a partir do 2º Período, sofreu um crescimento significativo: de 23 alunos inscritos passaram para mais de 40 e a média de alunos por treino aumentou de 12 para 25 alunos. A juntar a todos estes dados pode-se ainda destacar a criação de um novo treino, da parte da manhã, às quintas-feiras de modo a permitir a alguns alunos a participarem no núcleo que não podiam no horário de almoço.

No que diz respeito aos momentos competitivos, os alunos participaram em 7 Torneios Abertos de Desporto Escolar de Voleibol. Neste sentido, em conjunto com o professor responsável decidiu-se, em reunião, que iríamos inscrever sempre duas equipas do escalão de 2x2 (devido à grande aderência de alunos e ao aumento das suas capacidades competitivas) e uma do escalão de 4x4. A verdade é que constatámos uma evolução progressiva dos alunos ao longo dos torneios o que foi bastante positivo. Observámos também que um ambiente competitivo e mais tenso, normalmente, elevava os índices de concentração e performance dos alunos o que provocou um aumento do seu rendimento após cada torneio. A qualidade dos alunos e dos treinos melhorou significativamente e isso reflectiu-se nos torneios onde as vitórias começam a acumular-se, principalmente na equipa de 4x4 e na equipa B do 2x2.

É importante realçar ainda que uma das equipas do 2x2 esteve, desde o início do ano, mal classificada (equipa A) e, por essa mesma razão, foi utilizada para introduzir os alunos menos experientes nas competições. Deste modo foi possível proporcionar aos alunos a oportunidade de competir sem o peso, a pressão ou a responsabilidade de ganhar. Este facto facilitou a transição dos alunos de um ambiente mais descontraído (treinos) para um ambiente mais exigente (torneios) e beneficiou bastante o seu desenvolvimento, sendo que alguns alunos transitaram com naturalidade da equipa A para a B com o tempo.

Considero o acompanhamento da equipa aos torneios uma experiência bastante rica na medida em que me foi dada a oportunidade de participar na logística do funcionamento de um torneio de DE, contactar com os EE dos alunos inscritos, liderar e orientar uma equipa em contexto competitivo e conviver e interagir com os alunos fora do contexto escolar.

Penso que os núcleos de DE na escola Eugénio dos Santos são fundamentais, pois possibilitam aos alunos praticar as modalidades que mais gostam, permite-lhes participar em competições desportivas e promovem a prática de AF. No entanto, e apesar da instituição apresentar todas as condições espaciais e materiais necessárias para o bom funcionamento dos núcleos, deveria existir uma melhor distribuição de espaços de aula pelos núcleos e disciplinas curriculares nos horários. A partir do 2º Período um dos espaços de aula destinado ao núcleo de Badminton ficou ocupado pela disciplina de Expressão Dramática. Este fato exigiu uma adaptação dos professores responsáveis dos núcleos o que resultou na aglomeração de mais de um núcleo de DE num espaço de aula. Esta situação não comprometeu o funcionamento dos núcleos mas prejudicou a qualidade dos treinos. Futuramente a escola deverá garantir os espaços de aula aos diferentes núcleos nos horários destinados ao DE.

PROJETOS DE IMPLEMENTAÇÃO

Apesar de todos os acontecimentos relatados até este momento abrangerem quase todas as áreas de formação do Estágio Pedagógico, falta ainda mencionar a área de Inovação e Investigação Pedagógica e a implementação da ação de educação para a saúde na escola, no âmbito de um dos temas propostos pela disciplina de Educação e Promoção da Saúde na Escola. Esta foi uma das áreas mais difíceis de concretizar, mas também das mais qualificadas. O núcleo de estágio decidiu usar as ações para a saúde para realizar um estudo sobre o conhecimento dos alunos articulando deste modo as competências da área 2 com a 3 do estágio pedagógico.

Face à necessidade de identificar um problema emergente na comunidade educativa local, o núcleo de estágio preocupou-se em realizar um estudo aprofundado das características desta. Só assim seria possível implementar um projeto com o maior significado possível para a escola. Para que este fato fosse garantido, houve a necessidade de abordar alguns importantes agentes e documentos de gestão e orientação escolar. Os principais intervenientes consultados foram: o Projeto Educativo

da Escola; o Grupo de Professores de EF; o Grupo de Professores da Educação para a Saúde e os próprios alunos.

O Projeto Educativo foi um documento fundamental de consulta, pois ele traça as linhas pedagógicas orientadoras do processo educativo da instituição escolar (Barroso, 1993). Nele foi possível constatar que um dos aspetos positivos referidos foi o da existência de projetos, na escola, no âmbito da educação para a saúde. Neste ponto verificámos que poderíamos ter um papel ativo na potenciação e desenvolvimento deste aspeto positivo da instituição e que este poderia ser um importante facilitador da nossa intervenção. Por outro lado, um dos aspetos negativos mencionados no documento, foi a ausência de formação especializada em algumas áreas específicas de educação, nomeadamente, na área da saúde. Apesar deste fato ser uma lacuna, para nós, como professores estagiários, foi fundamental identificar esta necessidade, pois iria permitir-nos atuar sobre esta de modo a combatê-la.

Quando consultámos o Grupo de EF, não foi mencionado nenhum problema relevante ou emergente dentro da comunidade, mas emergiu a proposta de nos associarmos à Fundação Portuguesa de Cardiologia. Esta sugestão surgiu na medida em que, em anos anteriores, a instituição já tinha revelado o interesse em colaborar com a escola Eugénio dos Santos. Assim sendo, esta poderia ser uma parceria facilitada e que iria enriquecer a nossa intervenção na escola, visto que a fundação desenvolve todo o seu trabalho em temas relacionados com a saúde e de prevenção de doenças.

Ao contactarmos com o Grupo de Saúde, foi-nos transmitido que o principal tema, que preocupava os professores, prendia-se com a falta de bons hábitos alimentares que os alunos revelavam. O Grupo de Saúde realçou mesmo a necessidade de intervir sobre este tema, visto que a instituição não apresentava ferramentas pedagógicas específicas que pudessem combater este problema.

A última fase da nossa análise às necessidades educativas da comunidade, centrou-se nos alunos, que iriam ser os principais intervenientes das atividades (população-alvo). Assim sendo, criámos e aplicámos dois questionários: um relacionado com a importância da AF para a saúde e outro centrado na alimentação saudável. Desta forma, analisámos o conhecimento dos alunos acerca destes temas e descobrimos que estes apresentavam um conhecimento bastante escasso, e desta forma descobrimos que temáticas abordar nas nossas atividades para a saúde.

Através de todo este processo, foi possível focarmo-nos em conteúdos pertinentes para a nossa comunidade educativa e conseguimos cumprir todas as necessidades emergentes: colaborámos com a Fundação Portuguesa de Cardiologia, oferecemos uma formação especializada para a saúde e melhorámos o conhecimento dos nossos alunos. Assim sendo, os temas que foram desenvolvidos no nosso projeto foram a adoção de um estilo de vida ativo e de uma alimentação saudável.

Para a realização dos objectivos do conjunto de competências desta área contribuiu, de forma indispensável, o trabalho desenvolvido na disciplina de Investigação Educacional (IE) na parte curricular do mestrado pedagógico em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário.

O passo seguinte seria o correspondente à justificação de um caminho metodológico e foi na elaboração desse processo que o núcleo de estágio sentiu grandes dificuldades. Não conseguíamos identificar o problema e foi neste momento que a professora Orientadora e a disciplina de IE assumiram um importante papel de “desbloqueamento”. Nas aulas de IE foram trabalhados conceitos relacionados com a definição de uma pergunta de partida e com a procura de um problema. A noção de que o problema deve ser sentido pela comunidade escolar levar-nos-ia à análise documental e às entrevistas exploratórias com os professores e alunos. Para a definição da pergunta de partida procuramos respeitar os princípios de qualidade apontados por Quivy & Campenhoudt (2003), bibliografia essa, que foi indicada pela professora orientadora e que se revelou fundamental neste processo. Com o auxílio dos professores de IE foi possível compreender como escolher e encontrar um quadro teórico de referências válido, identificando e justificando as decisões de ordem metodológica, nomeadamente os processos de recolha e tratamento de informação de modo a caracterizar, justificar e validar o nosso problema. O projeto elaborado na cadeira de IE sintetizou as linhas orientadoras do trabalho a efetuar na escola, validou o trabalho já efectuado e calendarizou as intervenções a realizar. Desta forma, o problema identificado foi caracterizado com uma panóplia de referências teóricas e bibliográficas válidas e a metodologia a ser aplicada é pertinente e adequada às características da problemática. A pergunta de partida do projeto de investigação pedagógica foi: “Poderá, a aplicação de ações de formação na escola, alterar o conhecimento dos alunos?”

Com a estruturação do projeto ficou decidido que este seria denominado de “Atividade Física é Saúde” e que incluiria, como previsto, um lado investigacional. Neste

sentido a metodologia aplicada na investigação pedagógica do Projeto foi a de criar um grupo experimental e um de controlo e compará-los.

Da amostra de 722 alunos questionados, utilizaram-se duas amostras mais pequenas onde foram aplicados novamente os questionários no final do ano. Estas amostras eram constituídas por 3 turmas de controlo, que não sofreram qualquer tipo de formação, e por 3 turmas experimentais, que são os grupos que acompanhámos ao longo do ano e que sofreram uma intensa intervenção com a aplicação de atividades relacionadas com os temas escolhidos. As amostras apesar de distintas, na aplicação dos 2 questionários, apresentaram características bastante semelhantes. Este fato garantiu uma maior coesão e coerência dos resultados obtidos.

As atividades e ações de formação aplicadas às turmas do grupo experimental foram preparadas e planeadas com o auxílio dos professores DT, de EF e do Grupo de Saúde. Estas expressaram-se em 3 grandes momentos: as aulas de FC, a realização de uma visita de estudo e a aplicação de um *Peddy Paper*.

Após determinar as necessidades educativas para a Saúde na escola, surgiu a oportunidade de desenvolver os temas escolhidos nas aulas de FC. Através da reunião com os Diretores de Turma, das turmas que tivemos a oportunidade de acompanhar, foi-nos dada a possibilidade de realizar todo o planeamento e condução destas aulas. Assim sendo, desde o início do 2º Período trabalhamos o tema da atividade física e saúde nesta disciplina.

Uma das estratégias adotadas foi a diversificação dos conteúdos a transmitir nas diversas aulas. Desta maneira tornámos o aspeto formativo das ações mais motivador, enriquecedor e mais eficaz para os alunos. A metodologia aplicada foi de transmitir conteúdos teóricos e práticos, relacionados com a adoção de uma alimentação saudável e da prática de atividade física, através de formas lúdicas e jogadas, apelando sempre à participação ativa e organizada dos alunos.

Os temas abordados nas aulas foram a alimentação saudável, a constituição dos alimentos, a promoção da AF e as consequências do sedentarismo. Os alunos desenvolveram uma lista bastante vasta de competências: sentido crítico acerca dos temas, reconhecimento de alimentos e planos de alimentação saudáveis, ampliar a capacidade de expor as suas ideias e opiniões a um grupo, sensibilização para a

importância de uma alimentação saudável e de uma vida ativa e aquisição de conhecimentos sobre os temas.

As estratégias e atividades aplicadas nas aulas consistiram em visionamento de filmes e documentários (“Super Size Me”), aulas de debate dos temas, reunião de produtos e levantamento das suas calorias, desenvolvimento de um plano alimentar individual, participação no Jogo: “Quem quer ser Saudável”.

O planeamento desta disciplina foi totalmente cumprido pela quase totalidade das turmas envolvidas (8ºC, 7ºB e 7ºD). O único caso de dificuldade na aplicação do planeamento realizado foi no 7º D, visto a turma apresentar bastantes casos de indisciplina e mau desempenho. Surgiram vários assuntos relacionados com a Direção de Turma que tiveram de ser abordados na disciplina e que atrasaram o desenvolvimento dos temas. Até ao final do ano o planeamento proposto não foi totalmente cumprido, no entanto, esse facto não prejudicou o projeto da área 2 e a transmissão de conteúdos e valores ficou garantida.

A participação e o envolvimento dos alunos foram bastante elevados e positivos. A aplicação de diversas abordagens e ferramentas pedagógicas foi determinante para a elevação da motivação dos alunos e para o aumento da bagagem teórica que estes foram adquirindo.

Iremos destacar as principais atividades formativas, realizadas junto das turmas, na disciplina de FC.

A visualização do filme/documentário “Super Size Me” tratava do tema da alimentação saudável. O filme acompanhava a vida de um jovem adulto que, durante 1 mês realizou uma dieta apenas de Fast Food. Após a exposição deste filme foram realizadas algumas aulas de debate e os alunos mostraram-se bastante sensibilizados com o tema. Ficaram alertados para os efeitos de uma alimentação desadequada e perceberam os perigos de uma vida sedentária e de uma alimentação desequilibrada.

A aplicação do jogo interativo “Quem Quer Ser Saudável” também foi um sucesso. A dinâmica do jogo era idêntica ao famoso programa “Quem Quer Ser Milionário”, mas com a particularidade de que todas as questões eram relacionadas ou com a AF ou com a alimentação saudável. Os alunos foram divididos em equipas e participaram organizadamente e através de um trabalho cooperativo com os colegas. No final de cada

questão os alunos copiaram os conteúdos que explicavam porque razão a resposta certa era a correta. Desta forma foi possível transmitir conteúdo teórico de uma forma lúdica e apelativa aos alunos.

No 3º Período foi distribuído, aos alunos, uma tabela de Calorias onde estes encontraram um conjunto bastante vasto de alimentos com as respetivas calorias. Foi-lhes ensinado como calcular o número de calorias que deveriam ingerir por dia, com distinção entre dias sem AF e dias com AF, e estes tiveram a oportunidade de realizar o seu plano alimentar. Esta foi a atividade mais exigente e longa mas foi bastante importante na transmissão de algumas noções de Nutrição Básica.

Em relação à visita de estudo, esta foi realizada à atividade “Desafio do Coração”, iniciativa esta que é realizada, todos os anos, no Estádio Universitário de Lisboa, através de uma parceria entre a Fundação Portuguesa de Cardiologia e a Câmara Municipal de Lisboa.

A ação é aberta a todas as pessoas que queiram participar, realiza-se durante 3 dias e tem o objetivo de promover a prevenção de doenças, a prática de atividade física e a adoção de uma alimentação equilibrada e saudável. A atividade consiste numa espécie de Peddy Paper onde os participantes terão de se deslocar por várias estações distribuídas por todo o recinto. Cada uma dessas estações representa um tema (ex.: nutrição, atividade física, diabetes, doenças cardiovasculares...) que irá ser explorado e desenvolvido através de diversas ferramentas e instrumentos, sejam eles médicos, pedagógicos ou lúdicos. A dimensão lúdica, pedagógica e informativa é bastante grande nesta iniciativa e o fato de ocorrer dentro de um recinto grande mas fechado, seguro e ideal para a prática de atividade física torna-a ainda mais apelativa para os participantes. O fato de proporcionar a interação com agentes especializados das áreas da saúde e de pessoas de diferentes escalões etários também é um aspeto enriquecedor da atividade.

A visita de estudo foi um momento de descontração e de uma interação bastante positiva entre alunos e professores. Os alunos estiveram bastante participativos e não existiram ocorrências negativas no decorrer das atividades. A interação com especialistas do ramo da saúde foi bastante enriquecedor para a formação e informação dos alunos participantes.

No final da atividade foi aplicado um questionário de modo a aferir o impacto que este momento teria tido nos alunos. Os questionários revelaram que todos os alunos

gostaram bastante da visita e que gostariam de repeti-la. Também foi perguntado se estes teriam captado alguma mensagem importante da visita e foi com agrado que os dados revelaram que os alunos consideram a principal mensagem da visita que se deve adotar uma alimentação equilibrada e que a prática de AF deve ser cultivada ao longo de toda a vida.

Apesar destes resultados acreditamos que esta visita não apresentou o impacto e o significado de que gostaríamos. Este facto deve-se à evidência de que para muitos alunos esta foi mais uma oportunidade de conviver fora do âmbito normal das aulas do que uma oportunidade formativa.

A última ação aplicada ao grupo experimental foi o *Peddy Paper*. Esta ação foi realizada no último período letivo, pois os conteúdos abordados na atividade foram os que desenvolvemos ao longo do ano, nas aulas de FC. Esta iniciativa teve a função, não só de voltar a sensibilizar para os temas definidos, mas também de funcionar como uma estratégia de assimilação de um conjunto de conhecimentos que foram sendo transmitidos e registados pelos alunos individualmente.

O *Peddy Paper* foi realizado por diversas turmas em momentos diferentes. Os alunos foram divididos em pequenos grupos de 5 / 6 elementos e o seu objetivo era realizar o percurso no menor tempo possível. Este foi constituído por 8 estações principais onde os alunos tinham de responder a questões relacionadas com os conteúdos transmitidos ao longo do ano nas aulas de FC.

O percurso sendo constituído por 8 estações, como já referido, acabou na prática por ter 17, isto porque sempre que os alunos falhavam uma questão iriam ser encaminhados para uma estação “fantasma” que os encaminharia novamente para a estação anterior. Este aspeto fez com que os alunos que estivessem melhor preparados, em relação aos conteúdos, fossem os primeiros a chegar à estação final. A competição “amigável” foi promovida exatamente através do nível de conhecimentos adquiridos, sendo que os alunos que menos conhecimentos obtiveram ao longo do ano realizavam um percurso maior do que os outros e portanto, em princípio, iriam demorar mais tempo, chegando ao fim depois dos colegas.

As estações estiveram distribuídas no espaço exterior da escola. Em cada estação os alunos encontravam uma pergunta e 2 opções de resposta, apresentadas em 2 cartões distintos. Os alunos tinham a tarefa de ler o verso dos cartões que lhes indicaria

a próxima estação. Esta poderia ser a correta e encontrariam novamente uma pergunta e dois cartões, ou a “fantasma” onde iria estar um cartão a dizer “Erraste” que os retomaria, então, à estação anterior, aí deveriam ler o outro cartão.

No fim da atividade cada aluno recebeu uma folha com todas as respostas corretas. Essa folha foi anexada ao caderno onde os alunos apontaram as componentes teóricas desta formação.

Como já foi referido anteriormente, este foi um momento de avaliação dos conhecimentos transmitidos, ao longo do ano, na disciplina de FC.

A participação das turmas foi bastante ativa e positiva. Os alunos perceberam com facilidade as dinâmicas da atividade e participaram com entusiasmo.

Foi positivo observar que os alunos que melhor dominavam os conteúdos desenvolvidos, foram os que apresentaram um melhor desempenho no *Peddy Paper*. Este aspeto revela que a ação estava bem estruturada e organizada.

Foram poucos os alunos que revelaram dificuldades nas respostas às perguntas, mas no final de cada *Peddy Paper* foram distribuídas fichas com as respostas a todas as questões colocadas. No final da atividade os alunos voltaram a ser questionados acerca dos conteúdos e todas as dúvidas foram dissipadas através de uma interação formativa e do uso do questionamento dirigido. Esta atividade assumiu uma forte carga pedagógica e foi um importante momento de consolidação de conhecimentos.

Após a fase de implementação das ações formativas e da distribuição e recolha dos questionários realizou-se o tratamento dos dados. O tratamento estatístico foi realizado através do programa SPSS e a comparação entre os grupos e dentro dos grupos nos diferentes momentos foi analisada através do T-Teste.

Este é um teste paramétrico e para isso os dados devem apresentar uma distribuição normal e homogeneidade das variâncias. A base de dados não apresentou estas características, mas como a amostra é superior a 30, evocamos a teoria do limite central e assim podemos proceder ao tratamento estatístico. Após analisar todos os dados recolhidos os principais resultados revelaram:

-O grupo de Controlo e Experimental apresentaram o mesmo tipo de conhecimento nos primeiros questionários (no início do ano)

-No segundo momento, após a aplicação das ações de formação ao grupo experimental, existiram diferenças significativas entre os dois grupos

-O grupo experimental atribuiu maior importância à prática de AF para a saúde em geral, para a saúde do coração e para a prevenção da tensão arterial

-Os alunos do grupo experimental consideraram que a AF devia ser praticada em qualquer escalão etário

-O grupo experimental revelou melhor conhecimento acerca do número de refeições que se deve realizar por dia

-No grupo de controlo não se registou diferenças: os alunos mantiveram o mesmo conhecimento, acerca dos temas do projeto, desde o início até ao final do ano.

Como é possível constatar os dados revelaram a ocorrência de alterações positivas significativas no conhecimento dos alunos, devido à intervenção formativa realizada às turmas do grupo experimental.

Considerando os aspetos anteriormente referidos, podemos afirmar que apresentámos uma alteração positiva na comunidade educativa. Com base no projeto realizado, sugerimos algumas linhas orientadoras de resolução do problema estudado:

Consideramos pertinente criar e aplicar um plano de formação para a Saúde na Disciplina de FC ou nas aulas de substituição – a nossa intervenção foi bastante forte e relevante nesta disciplina e acreditamos ser importante a utilização destas aulas para o desenvolvimento destes conteúdos. Também estamos conscientes da hipótese do Ministério da Educação exterminar a disciplina de FC, daí mencionarmos a alternativa – as aulas de substituição

Incluir “semana aberta” dedicada a atividades para a Saúde no PAA – esta sugestão surge na impossibilidade de cumprir a anterior. A implementação desta semana teria de ser adequada à disponibilidade da instituição. De qualquer maneira poderia ser implementada a existência de 2-3 dias temáticos sobre a saúde com uma dinâmica de interdisciplinaridade na escola. As diversas disciplinas uniriam-se em volta do tema da saúde onde em Matemática os alunos realizavam o plano alimentar e em Língua Portuguesa desenvolveriam o “Quem Quer ser Saudável”, por exemplo.

Promover, no corpo docente, a aplicação de uma sensibilização pedagógica aos alunos – talvez a sugestão mais difícil de concretizar. O Grupo de EF e de Saúde tem a responsabilidade de sensibilizar e promover, nos colegas, um espírito crítico e interventivo nas questões relacionadas com a saúde alimentar dos alunos. Da mesma maneira que todo o professor intervém junto de um aluno que fuma dentro do recinto escolar, porque não intervir também quando este apresenta maus hábitos alimentares no mesmo espaço. A escola oferece alternativas saudáveis e se todos participassem ativamente na sensibilização das atitudes, provavelmente as mentalidades iriam ser alteradas.

Controlar a oferta alimentar da instituição - não diz respeito ao bar nem ao refeitório da instituição, mas às diversas máquinas espalhadas que disponibilizam uma série de alimentos pouco adequados para uma alimentação equilibrada dos alunos. Estes recorrem bastante a estas fontes de alimento e, neste caso, a instituição não demonstra um bom exemplo.

Um dos aspetos que mais nos preocupou, na realização das atividades, foi a sua pertinência junto da comunidade educativa onde nos encontrávamos inseridos. O estudo realizado foi fundamental para que esse aspeto estivesse presente. Todos os temas desenvolvidos foram identificados como necessidades formativas dos alunos da escola básica Eugénio dos Santos e conseguimos cumprir todos os desafios que nos foram propostos, tanto pelo Grupo de Saúde como pelo de EF - corrigimos algumas atitudes e conhecimentos relacionados com a alimentação saudável e colaborámos com a Fundação Portuguesa de Cardiologia.

Outro aspeto importante na realização das atividades foi o fato de cumprirmos as linhas orientadoras de educação do Projeto Educativo da instituição. Realizámos atividades e ações de educação para a saúde, e combatemos uma lacuna identificada pelos órgãos de gestão. O Projeto Educativo revela a necessidade de ocorrer uma formação mais especializada de temáticas específicas e o núcleo de estágio garantiu esse aspeto no planeamento da disciplina de FC e na realização da visita de estudo ao “Desafio do Coração”.

No que diz respeito à nossa formação, foi bastante interessante participar na fase de reconhecimento e análise das necessidades da escola. Este momento permitiu-nos contactar com diversas personalidades e agentes importantes no funcionamento da

instituição. Este trabalho permitiu a nossa integração na comunidade educativa e o melhor conhecimento dos processos e dinâmicas de organização e gestão da escola.

Outro contributo determinante foi o fato de termos tido a oportunidade de fazer a diferença junto da comunidade. Com estas atividades conseguimos, de fato, criar alterações positivas, não só nos alunos, mas também em diversos agentes educativos. Não só nos limitámos a mudar o conhecimento dos alunos mas também criámos ferramentas pedagógicas que poderão ser utilizadas pela escola, fornecendo deste modo a possibilidade da comunidade educativa da escola Básica Eugénio dos Santos dar continuidade ao trabalho desenvolvido. Todo este processo provou-nos que o papel do professor na escola deverá exceder a função de planear e conduzir aulas. Para realmente nos considerarmos bons professores, devemos assumir um papel ativo na resposta às necessidades da comunidade educativa.

Gostaria ainda de mencionar que a sessão de apresentação do projeto à comunidade escolar ficou aquém das possibilidades e isso resultou numa adesão escassa de professores na sessão. Tendo em conta que o projeto apresentou uma envolvimento e dimensão bastante significativas, teria sido importante que este tivesse tido uma maior divulgação. A sessão decorreu com formalidade e descontração e todos os intervenientes ficaram elucidados dos resultados obtidos. No final da sessão os participantes foram sujeitos a um questionário onde avaliaram como positiva a apresentação e onde consideraram as propostas de solução do problema pertinentes.

REFLEXÃO FINAL

Durante a análise do trabalho desenvolvido até ao final do ano, constatei a importância do exercício reflexivo acerca das minhas aprendizagens e do meu percurso como futuro profissional da EF. Esta introspecção é essencial para aumentar a qualidade do meu desempenho como professor.

Desde que defini como objetivo ser Professor de Educação Física que tenho vindo a trabalhar e investir no sentido de alcançar essa meta. Desta forma, o ingresso no ensino superior representou o início de uma nova etapa, etapa essa que marcará para sempre a minha vida, não só a nível profissional, mas sobretudo a nível pessoal/humano. Após estes cinco anos, posso afirmar, sem quaisquer dúvidas, que tirei o máximo partido de todas as experiências vividas ao longo desta formação académica. O Estágio Pedagógico não é exceção.

O ano letivo que termina com a elaboração deste relatório permitiu-me experienciar o que significa ser professor de Educação Física numa escola pública portuguesa. Sem qualquer tipo de presunção ou arrogância, sinto grande orgulho em ter conseguido alcançar os objetivos mais difíceis, em não ter baixado os braços perante as adversidades e em ter feito todos os esforços para superar as minhas lacunas. Assim, e ao longo deste ano, tive a oportunidade de “saborear” o sucesso e o insucesso, de tomar decisões corretas e incorretas, de ensinar e, acima de tudo, de aprender. Importa salientar o ambiente propício em que tudo isto aconteceu, onde o acompanhamento constante do núcleo de estágio se assumiu como um fator chave para o meu crescimento pessoal e profissional. Acima de tudo, guardarei todas as experiências e conhecimentos que foram partilhados. Da mesma forma que a escola/estágio me proporcionou todas estas oportunidades de aprendizagem, também eu procurei deixar a minha marca neste estabelecimento de ensino básico. O empenho e a dedicação no exercício da função docente foram as principais características da minha atividade na Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, com o intuito de garantir que os meus alunos tivessem direito a uma Educação Física de qualidade.

O processo formativo a que fui sujeito transformou e mudou o meu conhecimento. Mais importante que mudar, é garantir que essa mudança seja positiva e acredito que seja esse o caminho que estou a percorrer. Segundo Ribeiro (2005), um dos principais aspectos que torna o Estágio Pedagógico uma experiência especial, é o facto de este nos permitir contactar com vários agentes que nos irão influenciar e mudar o nosso saber.

Neste momento, e após várias reuniões com as professoras orientadoras, considero que algumas das principais características de um docente de excelência são a sua capacidade de explicar e instruir os alunos através de uma linguagem rica mas acessível, a sua disponibilidade e competência na demonstração e participação nas tarefas, a rentabilização da diferenciação do ensino tornando a sua intervenção o mais pertinente possível, a sua aptidão em “sair” da aula para aplicar uma observação pedagógica eficaz que lhe permita adequar as tarefas às necessidades de aprendizagem dos alunos e a existência de um gosto genuíno pelo ensino que deverá ser guiado pelo bom senso. É com satisfação que analiso o meu percurso no estágio pedagógico e constato que me aproximei de algumas destas características.

Lawson (1983) defende que os principais factores que condicionam o conhecimento dos Professores de EF são: a sociedade, através dos costumes, hábitos e tradições culturais; o envolvimento, no passado pessoal, em actividades físicas ou desportivas; as características pessoais do indivíduo, ou seja, a sua personalidade; a sua percepção das suas competências (auto – avaliação); e as suas pessoas significativas.

Faço referência a este autor pois sei que a conjugação de todo o conhecimento adquirido na minha formação inicial, as minhas características individuais e as minhas experiências vividas com a transmissão de conhecimentos das pessoas significativas da Escola Eugénio dos Santos tornam o meu estágio singular. Dessas pessoas gostaria de destacar a Professora Manuela Jardim e os meus alunos.

CONCLUSÃO

Este documento revela-se como um exercício necessário e determinante neste momento da minha formação.

Esta autoanálise e reflexão tentaram orientar-se em torno das competências de cada uma das áreas de formação e justificar-se com informação que se reparte pelos dados objectivos recolhidos ao longo do percurso de formação visado, pelas reflexões pessoais, ou outras explicações recrutadas na teoria (percurso académico anterior ou actuais investimentos de estudo).

O relatório final de estágio pedagógico serviu como balanço de um ano formativo bastante intenso e para criar linhas orientadoras de melhoria e trabalho. Deste modo poderei dar continuidade ao meu contínuo processo de aprendizagem que me possibilitará tornar num melhor profissional da EF, aperfeiçoando, não só, a minha intervenção pedagógica, mas também, a minha participação na comunidade escolar (Perrenoud, 1993).

BIBLIOGRAFIA

- Araújo, F. (2007). *A avaliação e a gestão curricular em educação física: um olhar integrado* In Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física. - Nº 32 (Jan.-Jun. 2007), p. 121-133
- Barroso, J. (1993). Fazer da escola um projeto. In. R. Canário (ed.), *Inovação e Projeto Educativo da Escola* (pp 15-55). Lisboa: Educa.
- Barroso, J. (1997). *Autonomia e gestão das escolas*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Carreiro da Costa, F. (1995). *O Sucesso Pedagógico em Educação Física: estudo das condições e factores de ensino-aprendizagem associados ao êxito numa unidade de ensino*. Faculdade de Motricidade Humana: Edições FMH
- Carreiro da Costa, F. (1996). *Formação de Professores: Objectivos, conteúdos e estratégias*. In Carreiro da Costa, F.; Carvalho, L.; Onofre, M.; Diniz, J. et Pestana, C., *Formação de professores de educação física. Concepções, investigação, prática*. Lisboa: Edições FMH: 9-36.
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. *Boletim SPEF*. 10/11, 135-151.
- Carvalho, L. (1996). *O estudo da Socialização dos Professores em Educação Física: uma revisão e um convite* In Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física – nº 13
- Casassus, J. (2009). *Uma nota crítica sobre a avaliação estandardizada: a perda de qualidade e a segmentação social*. Revista de Ciências da Educação, nº9, Mai/Ago.
- Costa, A. (1991). *Estudo qualitativo do "feedback" pedagógico: análise da coerência entre a informação do professor e o relato posterior do aluno*. Tese de mestrado, Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.

- Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos (2010). *Projeto Educativo de Escola*. (2010). Documento não publicado, Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, S. João do Brito, Portugal.
- Lawson, H. (1983). *Toward a model of teacher socialization in Physical Education: the subjective warrant, recruitment and teacher education*. Journal of Teaching in Physical Education
- Lei de Bases do Sistema Educativo. (1989). Decreto- lei nº 43/89 de 19 de Janeiro, Diário da República, 1.ª série — N.º 29 — 19 de Janeiro de 1989 – 456.
- Lima, J. (2008). *Em Busca da Boa Escola*. Porto: Fundação Manuel Leão.
- Marques, R. (2000). *Os papéis dos directores de turma na gestão curricular. Gestão e Cultura Organizacional Escolar (Slides da Cadeira de Gestão e Cultura Organizacional Escolar)*. Documento não publicado, Departamento de Ciências da Educação, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Cruz-Quebrada, Portugal.
- Onofre, M. (1996). *Educação Física sem Avaliação: Uma Perversão Consciente?* in Boletim SPEF, Nº13 Inverno de 1996
- Onofre, M. (2010). Documentos de apoio à disciplina de Formação de Professores. Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa
- Perrenoud, P. (1993). Pensar a prática pedagógica para pensar a formação de professores, In *Práticas Pedagógicas. Profissão docente e formação. Perspectivas sociológicas* (pp.193-201). Instituto de Inovação Educacional.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de Investigação em ciências sociais*. Gradiva
- Ribeiro, P. (2005). As percepções pedagógicas de estagiários e orientadores sobre as técnicas de supervisão pedagógica num processo de estágio pedagógico: Sua utilização e importância relativa. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FMH-UTL.

- Rodrigues, A. & Esteves, M. (1993). *A análise de necessidades na formação de professores*. Porto: Porto Editora
- Sarmiento, P. (2004). *Pedagogia do Desporto e Observação*. Faculdade de Motricidade Humana: Edições FMH
- O'Sullivan, M. (2005). *Beliefs of Teachers and Teacher Candidates: Implications for Teacher Education*. The Art and Science of Teaching in Physical Education and Sport. Faculdade de Motricidade Humana: Edições FMH: 149-164.
- Teixeira, M. & Onofre, M. (2010). *Dificuldades dos professores estagiários de educação física no ensino: Sua evolução ao longo do processo de estágio pedagógico*. Documento não publicado, Departamento de Ciências da Educação, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Cruz-Quebrada, Portugal.